

MAGALHÃES DE AZEREDO

PROCELLARIAS



PORTO

Typographia a vapor da Empreza Litteraria e Typographica
178 — Rua de D. Pedro — 164

MAGALHÃES DE AZEREDO

Euro hms
São Paulo
5-43.

PROCELLARIAS



PORTO

* Typographia a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178—Rua de D. Pedro—184

—
1898

PROCELLARIAS

L'art ne fait que des vers, le cœur seul est poète

ANDRÉ CHÉNIER.



PROCELLARIAS

*Quando, no mar cavo e revolto,
Estala o raio e o vento berra,
Como um leão nas trevas solto;*

*E as ondas — líquidas montanhas —
Rolam; e d'essa horrenda guerra
Avultam, de hora em hora, as sanhas;*

*Seu ninho, aspérrimo rochedo,
As procellarias, brancas aves,
Deixam; e vão calmas, sem medo,*

*Por onde o embate é mais agudo,
Rompendo, em círculos suaves,
O turbilhão, que envolve tudo.*

*Em vão o raio os céos retalha ;
Em vão ulula e brame o vento ;
Em vão das ondas a batalha*

*Ferve, e marulhos roucos troam...
Bem alto, alem, no firmamento,
As procellarias brancas voam...*

*Vento, ao teu jugo não as curvas!
Raio feroz, não as abrasas ;
Não as tragaes, vós, ondas turvas!*

*Por que são livres — goso intenso! —
Por que são livres, e têm azas
Para voar no espaço immenso!*

*No mar do século dispersos,
Como as hardidas procellarias,
Sois vós tambem, meus pobres versos!*

*Aqui, debate-se a tormenta
Das paixões torpes e nefarias,
Que as almas deveis desalentar!*

*Triumpho o mal ; sórdida, a inveja
Tramas combina, em sombras mudas ;
Ri o cynismo ; o odio esbraveja.*

*Conspira, intrépida e serena,
A traição ; o ósculo de Judas
As fronte puras envenena ;*

*Os justos são vilmente expulsos ;
Coróia os déspotas a plebe,
Dando aos grilhões da infamia os pulsos ;*

*Sangue fraterno se derrama,
Que, ávida, a terra aos sorvos bebe...
Sangue que por vinganças clama!*

*Assim deshonra a humana lucta,
Com baixos cálculos abjectos,
A gente falsa e dissoluta!*

*Que enorme, infrene vozeria!...
Quem ha-de ouvir, cantos dilectos,
A vossa limpida harmonia?*

Cantos da lyra peregrina!
Voae! voae! no solo infenso
Do exílio, a podridão domina,

E ardem do inferno a peste e as brazas...
Voae! a vós o espaço immenso,
Por que tambem vós tendes azas!



VOTIVAS



Á MINHA MÃE

Para santificar as paginas sinceras,
Onde — como um pintor sombras e corpos traça —
Fixei, entre pueris illusões e chimeras,
Muita dor funda e muito affecto que não passa;

Antes que, num rumor de cánticos e preces,
Ellas vão conquistar o seu proprio destino,
Dá-lhes tu, minha Mãe, qual si a mim mesmo a desses,
Tua benção — penhor e talisman divino.

Perdôa, si atravez dos meus hymnos se escuta,
Quando a vida me enoja ou a angustia me cansa,
Um grito de revolta e furor, que te enlucta
A alma christan, piedosa e cheia de esperança;

Perdôa, si evoquei não raro nos meus versos
Os echos e as visões do delirio mundano,
Eu, que bem cedo vi dos seus ardís perversos
A inconstancia, o vasio, o pernicioso engano.

Bem sabes que é vaidosa e cega a juventude,
No seu ardor febril, de prazeres sedento;
E só podem dobral-a ao jugo da virtude
Os golpes e as licções de um grande soffrimento.

Teu é tudo o que bom e nobre em mim existe;
Tudo tem para mim tua voz e teu vulto;
E nesse templo, que tu propria construiste,
Com perpétuo carinho eu celebrou o teu culto;

Quando findou da infancia a quadra doce e estreita,
E, cedo homem, audaz roteiro dia a dia
Segui, aventurando á tormenta desfeita
O meu fragil baixel, que a vaga sacudia;

Não me disseste: — Vae! — Disseste: Eu vou contigo! —
E vieste. Desde então, perigos desdenhando,
Menos rude hei sentido a viagem, mais amigo
O sol, e mais galerno o vento, e o mar mais brando.

Emtanto, muita vez, pelo oceano em treva,
Das sereias fataes e dos tredos escolhos
Salvaste-me, apontando o céo, a que se eleva
Tua crença. E eu vi Deus atravez de teus olhos...

Deste-me como guia a severa Verdade,
Que as consciencias arma e protege na liça;
Como ideal me déste o amor da humanidade
E o sentimento forte e augusto da justiça;

Por teu ensino posso envolver, tolerante,
Os que me fazem mal no perdão e no olvido;
E, sem treguas batendo o crime triumphante,
Respeitar mais que tudo o direito vencido...

Assim te devo, alem da vida contingente,
A vida que immortal no espirito perdura;
Eis por que me confesso, enternecidamente,
Duas vezes teu filho e tua creatura!

À ESCOLHIDA

Como um guerreiro das heroicas eras,
Soldado forte e trovador vehemente,
— Rude, as armas brandindo em pugnas feras,
— Meigo, vibrando o alaúde docemente;

Ao partir para as lides da Cruzada,
Longinqua, incerta, perigosa e dura,
Saudava a sua Dama bem amada,
Num canto de magnifica ternura;

Assim eu, ao entrar na grande lucta,
Em que o homem, braço a braço e peito a peito,
Tanta vez a victoria em vão disputa,
E morto cahe, sem gloria e sem proveito;

Escudo.

No limiar do futuro e do mysterio,
Onde — vagas visões crepusculares —
Os negros cyprestaes do cemiterio
Se entrelaçam aos louros e aos palmares;

E sem saber si tombarei vencido,
Antes de conseguir meu summo intento,
Ou si de sangue meu será tingido
O estandarte da fé, que arvore ao vento...

Erguendo para ti meu aureo escudo
— Paladino eu tambem de uma Cruzada —
Nestes versos ardentes te saúdo,
Ó minha Noiva, ó minha bem amada!

Teu nome neste livro não inscrevo
— Teu nome que do meu ninguem separa;
Guardado em mim por toda a parte o levo,
Sem ouvir e sem ver a turba ignara!

Cerca-me de uma auréola celeste
Teu olhar, cuja paz meu olhar gosa;
E inutilmente contra mim investe
A realidade crua e dolorosa!

Tu verás nessas paginas, emtanto,
— Espolio da primeira juventude —
Muita loucura, muito falso encanto,
Muito d'esse ouropel que nos illude...

Apague tua angélica indulgencia
Esses erros; minha alma ainda os deplora;
Mas contigo encetei nova existencia;
E do que foi já nada resta agora...

Nestas cousas sinceras que te digo,
Não brilhe a phantasia, a arte não entre;
Meu coração, fallando a sós contigo,
Em nosso intimo affecto se concentre.

Aqui não busques o capricho arguto
Do poeta que o seu genio apura e zela;
Mas o abandono simples e absoluto
Da alma que desnudada se revela!

Quando houverem corrido largos annos
Sobre a campa da nossa mocidade,
E tudo — após acerbos desenganos —
Tiver partido, menos a saudade;

Quando, embotados os sentidos, ermo
O espirito de seiva e de alegria,
Diante de nós, em desalento enfermo,
A vida se esvaecer, deserta e fria;

Nós, percorrendo num silencio absorto
Estas estrophes pelo amor geradas,
Veremos do passado semi-morto
Resurgirem as sombras adoradas.

Aos olhos nos virá baldado pranto,
Aos labios um tristissimo sorriso,
Por termos, loucos! dissipado tanto
Os gosos do perdido Paraiso...

Une-te a mim então; e, si o abandono
De tudo consternar tua alma afflicta,
Verás que, perto já do ultimo somno,
Ainda por ti meu coração palpita!



NO LIMIAR



NO LIMIAR

(A MACHADO DE ASSIS)

Mestre, abro agora ao mundo o habitáculo occulto,
Onde — áugur nesta idade incrível — eu consulto
A ave, a fonte, o rochedo, os astros da amplidão,
E, mais que tudo emfim, meu proprio coração.
Á natureza augusta, e á fé que inda alimento,
Votei este impolluto e caro monumento.
Invoquei, ao creal-o, em sonhos juvenis
O mysterioso Ser, que os pinceis e os burís
Dirige sobre a tela e o marmore, que apura
Em linhas de grandioso estylo a architectura,
E os gritos da emoção, e da saudade os ais
Afina sabiamente em notas musicaes...
Ouviu-me Elle? Em meu facho ephémero de um dia
Fulge um raio do sol que os mundos alumia?
Em minha voz se escuta a meiga e estranha voz
Que das cousas ideaes nós falla a todos nós?
No delirio que a mente e os nervos me domina,
Ha frémitos talvez de inspiração divina?...

*

Pelo intuíto se mede a valia do dom :
Quem aos deuses não pode erguer um Parthenon,
Ergue-lhes um altar de pedra humilde e rude.
Do piedoso desejo é idéntica a virtude.
Desornado — direi — e tosco altar é o meu ?
Mas sobre elle meu sangue em borbotões correu,
Sobre elle celebrei o austero sacrificio
De uma existencia inteira a um nume não propicio...
Eis o preço cruel e a dolorosa lei
D'essa gloria, que em vão, talvez, ambicionei !
Embora! — Arte sublime, entrei no teu santuario!
Quem o penetra, bem que humilimo operario,
Nos olhos sempre guarda um pouco do esplendor
Da Musa, em cuja frente um beijo ousou depor !

Sei ainda que este livro honesto (e isso me basta)
Dos homens glaciaes entre a multidão vasta,
Cansado peregrino, ha-de encontrar alguém,
Que como eu sinta, e ame, e padeça tambem !
Tu, poeta de eleição e philósopho amigo,
Tu has de comprehender-me o espirito ; e contigo
Dirás, meus versos lendo : Uma alma existe aqui !

Por que este livro, Mestre, é a vida que eu vivi !



ROSA-CHÁ

(A OLAVO BILAC)

No salão, todo revestido
De sêda carmesim, com aureos arabescos,
Onde o olhar prendem, entretido,
Quadros de phantasia pittorescos,
Nenhum rumor; á sombra das cortinas,
O piano estava, quieto e mudo.
Nem de uma fresca voz as notas argentinas
Vibravam no ar. A immensa paz de tudo
— A paz das horas somnolentas —
Derramava-me na alma, absorta em grave estudo,
Mornas doçuras, lentas, lentas...

Por que eu estudo, é certo, ás vezes;
Aos livros vou pedir — livros calmos e serios —
O esquecimento dos revezes
A explicação de abscónditos mysterios.
É recurso final de quem padece...
Nesse momento, todavia,

Como perfeita a vida a meu sabor corresse,
Nenhum desgosto acerbo me opprimia.
Direi até que alegre estava;
Tinha certas razões de ser essa alegria,
Visto que eu era amado, e amava...

Ahi, sobre a mèsã, em vaso antigo,
Primor de porcellana azul e transparente,
De muita rara flor jazigo,
Nesse dia uma flor, uma sómente,
A uma restea de luz abria o seio,
Tal como aos ósculos do esposo
Joven esposa achega os seus labios, no enleio
De pudor virginal e receoso.
Era uma rosa-chá, que da haste
Cortara a mão gentil... de quem, leitor curioso,
Dizer não posso, e tanto baste...

Tinha nas pétalas macias
O pallor de uma freira, apenas mui de leve
Tocado de ouro; assim nos dias
De inverno, o sol colore a branca neve.
Filha de amplo jardim, tendo costumes
De luxo, e gostos de elegancia,
Sentia-se alli bem; e expandia em perfumes
Todo o seu ser; como quem arde na ancia
De gosar vida breve e plena,
Corpo e espirito gasta em pródiga abundancia,
E morre cedo, mas não pena...

Aquelle aroma penetrante,
Mas não violento—brando, assim como caricias,
Que com disfarce, instante a instante,
Nos embebem em mórbidas delicias,
Em tudo se espalhava; nã atmosphera
Pairando, a enchia, como incenso,
Que um thuribulo occulto e intangível trouxera.
Envolto nelle, como em fumo denso,
Do livro o olhar ergo; abandono
These, argumentos, tudo; e unicamente penso
Nessa, de quem sou servo e dono...

No vaso rico, a flor aberta
(Tal scintillante rima em sonoro carne)
Dir-se-hia uma pupilla esperta,
Que em mim se demorasse, a contemplar-me.
Loura, como a que eu amo, parecia
Dos seus cabellos uma trança;
E mesmo, no subtil effluvio, eu lhe sentia
O seu leve respiro de criança;
Cheguei a ouvir a flor singela
Entoar a meia voz canção discreta e mansa,
Fallando d'ella, d'ella, d'ella...

ESTOICISMO

Ouve tu, homem bom! ouve, alma forte e pura!
Si a Vida destruiu teu santo ideal antigo;
Si teu pai te expulsou, como um torpe mendigo,
Por que fosses trilhar a rua da amargura;

Si a amante te trahiu, num beijo de ternura;
Si te vendeu, sorrindo, o teu melhor amigo;
Si o déspota, da tua altivez em castigo,
Na prisão te deixou por leito a terra dura...

Não te queixes! não dês ao tyranno e ao perverso
O prazer de escutar-te um ai... Consciencia justa,
Tu podes, num só gesto, esmagar o universo!

Soffre, pois, mudo, sem um gemido mesquinho;
Envolve-te na Dor silenciosa e augusta,
Como num manto real de púrpura e de arminho!

A TAÇA DE OURO

Na taça de ouro o vinho ferve e espuma.
Relevos a ornam de arte fina e cara:
A um lado, emergem nuas da onda clara
Vergonhosas mulheres, uma a uma.

Juncto a um pinhal, que dos tufões o ampara,
Um casal montanhez, ao longe, fuma;
Rompe as cortinas da nocturna bruma
A lua — igual a uma moeda rara.

Nos ardores da bécchica miragem
Parecem-me animar esta paisagem
Da vida o movimento e o borborinho;

E, enquanto julgo ver, de Cynthia ao brando
Clarão, o grupo feminil dansando,
Na taça de ouro ferve e espuma o vinho.

CHRISTUS CRUCIFIXUS

Cresce, em torno ao Calvario, a treva; o rutilante
Ouro fulvo do sol em negror se transmuda;
E, no meio d'aquella enorme noite muda,
Ouve-se a grande Voz do Christo agonisante.

«Pae, perdoae-lhes!» — exclama; e aos céos volve o semblante,
Que sangue aos borbotões, lívido e acre, resuda;
E depois, numa angustia incrivelmente aguda:
«Deus, por que me deixaes?» — murmura soluçante.

Mas Deus não lhe responde; é immoto o firmamento.
Só lhe responde, em pranto, a pobre Mãe mesquinha,
Que, apoiando-se á cruz, num longo desalento,

Contempla o Filho amado; olha a plebe escarninha,
Que o vitupera; e geme, em tom quebrado e lento:
«Dizei, vós que passaes, si ha dor igual á minha!...»

15. iv. 92.

CANÇÃO DO LUAR

(A GOMES LIMA)

Como lâmpada, que pende
Da nave de um templo, a lua
 No anil
Da noite clara fluctua
E um véo sobre tudo estende,
 Subtil.

É uma hora immovel; a vida
Parece, em tamanha calma,
 Cessar.
Pesa, como um jugo, na alma
A modorra dissólvida
 Pelo ar.

Vago ambiente... tal ser deve,
No frio e neutral Nirvana,
A paz,
Que envolve a creatura humana,
Quando, em tumulto de neve,
Ahi jaz...

Vae-se-me o espírito agora
Numa inconsciencia de coma
Perder.
Como o narcótico aroma
Das caçoulas, se evapora
Meu ser...

E, qual, ante o olhar pasmado,
A luz visão illusoria
Destroe,
Tal, aos poucos, a memoria
Do meu remoto passado
Se foi...

Alguem vive... Mas quem pensa
Que haja emoções neste ocioso
Torpor?
Quem pode em outrem um goso
Vibrante, uma dor intensa
Suppor?

Talvez, em rua deserta,
— Raro sôa tenue passo
Por lá —
Guitarra, em trémolo escasso
Bella dormente desperta...
E já

Teus raios batem em cheio,
Ó lua, em ampla janella,
Talvez;
Ahi scismando, uma donzella,
Offegante o branco seio,
Não vês?

Tuas radiações serenas,
A alguem, que o desejo instiga,
Lhe dão,
Ó guia, ó cúmplice amiga,
De luz quanto basta apenas,
Mais não...

Acaso, a scenas de amores,
Silenciosa e quieta,
Sorris;
Mas tua face discreta
Nada de taes pormenores
Nos diz.

Quantas revelações raras,
Quantos segredos conheces,
Assim,
Que, si narral-os quizesse,
Annos, seculos gastaras,
Sem fim!

Louca, talvez, de ciúme,
Tua existencia erma e fria
Se esvahe,
Nessa atroz monotonia,
Sem que gemas um queixume,
Um ai!

Has de errar perpetuamente
Pelo cóncavo infinito,
Tão só,
Que, ao ver-te, estremeço afflicto,
E minha alma ímpetos sente
De dó?

De uma esperança as delicias,
Ao menos, o teu fadario
Não tem?
Sou mais feliz; solitario,
Espero, um dia, as caricias
De alguem...

CAMÕES

Como Orpheu, desce, impávido, aos infernos
A libertar da região sombria
A idolatrada Eurýdice, que um dia
Para sempre o algemou com braços ternos;

Assim tu, na conquista dos supernos
Dons da immortal Eurýdice, a Poesia,
Com pé firme em abysmos de agonia
Entraste, a modular cantos eternos!

Teu genio foi, ó Poeta, a propria vida:
Amor, ciúme, exilio, fome, peste,
Guerra — tudo affrontaste, alma escolhida!

Inteira a vida do homem concebeste;
E, não contente, em ancia desmedida,
Toda a vida de um povo ainda viveste!

NATHERCIA

Na pompa de uma cõrte soberana,
Onde a belleza dissipada impera,
Antes de ver-lhe a fronte sobrehumana,
Nunca um desgosto o coração te dera!

Mas, desde que em tua alma leviana
Vibrou o som d'essa harpa nobre e austera,
Foi-se-te a vida na tormenta insana
Do amor, que tudo quer, e nada espera...

Bemdize-o! Sem a tua desventura,
Olvido e morte houveras por destino,
Que a vencel-os não basta a formosura!

E hoje, unida ao Cantor na mesma gloria,
Vives com o seu Espirito divino
A vida eterna e triumphal da Historia!

MAL MODERNO

Em summa, nos opprime um molde velho e gasto.
Muita cousa antiquada, e já mil vezes dita,
O cerebro confunde, o genio debilita...
Eis o grilhão, que, poeta e sonhador, arrasto...

Dentro em nós, no universo inexplorado e vasto,
Quanto ser mysterioso em cada ser pálpita!
Quanta nova impressão a mente nos agita,
Deixando nella aberto um luminoso rasto!

Sentimos bem a nota original — insana
Tortura, e caro amor do artista, que se afana
Por torçal-a poema, estatua, ou melodia...

Mas a nossa voz, fraca e tímida, se cansa
N'uma banalidade — ou, si mais longe alcança,
Como lingua infantil se enreda e balbucia...

SOROR

(A MARIO DE ALENCAR)

Pelo claustro, sonoro e vasto, a freira passa
— Lenta como quem segue os impulsos de um sonho;
Ao rosto juvenil, tão pálido e tristonho,
Ajunta o negro véo mysteriosa graça...

Os olhos, negros são — negros, negros de morte,
Como o veio que da frente, em linhas castas, desce;
Nelles fulge, talvez, o puro ardor da prece,
Que em êxtasis a enleva, imperiosa e forte.

As dobras do burel realçam-lhe a magreza
Ascética; e de longe, o seu porte suave
Faz lembrar a elegancia aligera de uma ave
— Cysne ou garça — vogando á flor da correnteza...

Pelo claustro sonoro e vasto, o sol espalha
Manchas diáphanas d'ouro; e brinca, e treme agora
Na agua do fundo poço, onde, incessante, a nora
Ringe, imitando o grito estrídulo da gralha.

Pouco distante, se ergue o venerando e antigo
Cruzeiro de granito; a trepadeira agreste
O abraça, protectora, e dá-lhe sombra, e o veste,
Solícita e fiel como um carinho amigo...

Estende-se ao redor o largo cemiterio
Monacal; que pobreza! Em rasa e humilde lousa
Ha nomes de mulher, e datas... Só. Nem ousa
Um cypreste viver alli, no chão funereo.

No poial do cruzeiro, a monja se reclina,
E um livro de piedade, amplo e grosso, folheia;
Os olhos negros, onde a luz da fé se ateia,
Prendem-se avidamente á palavra divina:

«Filha, teu coração, tão fragil, e tão terno,
Não o deixes vagar das illusões no encalço;
O amor dos homens, filha, é passageiro e falso;
Dá-te ao amor de Deus, único justo e eterno!»

Fecha o livro, e medita, e recorda-se... E, enquanto
Augmenta a pallidez no seu pallido rosto,
Ergue os olhos ao céo, pungentes de desgosto,
—Negros, negros de morte, a encherem-se de pranto...

Recorda-se... Por que joven, bella, deixara
O mundo? por que, emfim, hoje o burel a cobre?
Por que ha de ter alli um túmulo de pobre,
Em vez de um mausoleo altivo de Carrara?

E—sancta, mas mulher—o seu passado inteiro
Revive... Oh! que tormento, e como a sorte é dura!
E, de si para si, a meia voz, murmura:
«O amor dos homens, sim, é falso e passageiro...»

11. iv. 94.

ESTATUARIA DO AMOR

(A RODOLPHO BERNARDELLI)

Fomos, um dia, ver as esculturas. Era
Uma branda manhã de inverno.
A luz do tibio sol, rompendo a escassa bruma,
Como rompe desdens glaciaes um beijo terno,
Ia afagando, uma por uma,
As estatuas, no alvor do marmore illibado.
E, naquelle silencio, a quadra ampla e severa
Tinha o aspecto de um templo antigo e abandonado.

Um templo original, em que todos os cultos,
Os do passado e os do presente,
Houvessem posto fim a rancores serodios,
Determinando em paz viver fraternalmente.
Alli ao menos, velhos odios
Esqueciam; e da Arte as leis, ao sangue infensas,
Punham num grupo só, congraçados e inultos,
Os ferreos campeões das inimigas crenças.

Venus, a um lado, surge, extática e sublime,
Do maternal seio das ondas;
Jupiter, com vaidoso amor de pai, a mira;
Além, Judith, com teus agudos olhos, sondas
Nos de Holophernes, turvos de ira,
O horror do seu delicto e o da tua vingança;
Perto, ora um anjo, estranho ás angustias do crime,
Ora um monge, que em Deus o espirito descansa.

Ella e eu, atravez d'aquelles vultos mudos,
Iamos, lentos, caminhando,
Em demorado enlevo a alma sentindo presa,
Mal trocando impressões breves, de vez em quando.
Real, flagrante a natureza
Em traços magistraes vivia e palpitava.
E a flamma da paixão, gestos bellos ou rudos
No mármore animando, o olhar nos deslumbrava.

Mas o que nos chamou a attenção, que dispersa
Ia em tal chaos de primores,
Singela imagem foi, de ineffavel encanto,
Mimo de inspiração, filha de arduos labores.
Era uma virgem nua; emtanto,
Embora nem veo tenue as fórmias lhe encobrisse,
Laivo algum de impureza ou luxuria perversa
Lhe empanava do aspeito a cândida meiguice.

Nesse ingenuo pudor de criança e donzella,
Que o amor suspeita e o mal ignora,
Gosando a pleno alento as delicias da vida,
Como um pássaro gosa os effluvios da aurora,
Com alto esmero definida
Se via aquella idade indecisa e risonha
Em que a «menina e moça» inda os seus brincos zela
Mas, a espaços, com a flôr da laranjeira sonha...

Ella parou, surpresa, a contemplar a estatua,
Como em fundas scismas absorta,
E murmurou: — «Feliz a pedra inconsciente,
Que o genio faz viver, e todavia é morta!
Quem me alcançara unicamente,
D'essa virgem possuindo a angelical belleza,
Ser, não pobre mulher que sou, debil e fatua,
Mas inerte como ella, e de emoções illêsa?»

Viera a meus pés rojar-se a adoração do povo,
E eu guardaria nos meus labios
Sempre o mesmo perenne, impassivel sorriso,
Artistas fascinando e seduzindo sabios!
Liberta fôra — ó paraíso! —
Do inexorando algoz de nossos dias: a Alma!
Não teria em cada hora um soffrimento novo,
N'essa gloria de deusa — illuminada e calma!»

E eu disse (tal chimera a mente me attrahia) :

«Pudesse eu — prodigio divino! —
Arrancar do meu seio o coração inutil,
Tornal-o em alabastro ou jaspe superfino,
E, não qualquer imagem futil,
Mas tua imagem, nelle entalhar pouco a pouco,
Só para mim, que, olhando-a, olhando-a, viveria,
De todos a escondendo, em meu ciume louco!

Então, ao menos, já vasio assim meu peito,
O coração me não doera;
Encarnando-te em si, deleites para a vista,
Não mais tractos crueis e varios, me trouxera.

Raro escultor, divino artista,
Quem me pleiteara o louro, entre os filhos da Idéa,
Se eu de meu ser formára, em molde mais perfeito,
Que o de Pygmalião; a minha Galatéa?

30. iv. 93.

CARNAVAL

Queres, então, phantasiar-te? — Seja!
Muda a voz, cobre a face, o riso excita,
E os leves guizos da loucura agita
Nos dourados salões que a plebe inveja!

Como sabes fingir! quanto deseja
A tua arte imitar, sem custo o imita;
E em cada phrase, por teus labios dita,
Mordaz, finissima ironia adeja...

Quantos enganarei! — pensas — E o engano,
Do teu olhar, da tua falla doce
Não foi sempre o capricho deshumano?

Não — dizes — isto é febre passageira...
Uma hora apenas... — Como si não fosse
Um carnaval a tua vida inteira!

12. ii. 93.

VELHOS PAPEIS

Dormem alli, no pó do esquecimento,
Meus vãos amores e meus pobres versos,
Perolas soltas e festões dispersos,
Do sol ao fogo e ás coleras do vento.

Ora os relembro, frio e desattento,
Com os olhos já sem pranto, em somno immersos;
Como relembram animos perversos
Um nobre culto, um bello sentimento...

E, expulso, como Adão, do paraíso,
Eu, pensando naquelles puros gosos,
Que na alma decahida já não cabem,

Sinto nos labios um amargo riso;
Porque eu sou hoje um d'esses desditosos,
Que riem só porque chorar não sabem!

Julho, 1890.

VIGILIA MORTAL

Bato ás portas do Somno. «É escura a noite
— Brado — e eu morro de angustia e de fadiga!
A essa negra tormenta ha quem se affoite?
Ha ser que tanto mal punja e persiga?

Abre-me o teu palacio, Fada amiga;
Dá-me um leito de olvido em que me acoite!»
Ninguem responde. O trovão ruge; o açoite
Da ventania as faces me fustiga...

E é fechado o palacio, onde, no encanto
Das miragens, se esquece este enfadonho
Mundo... O somno me foga, e eu soffro tanto!

E, ao clarão de relâmpago medonho,
Vejo, transido de terror e espanto,
O sonho horrivel que acórdado eu sonho...

20. I. 94.

O CHANCELLER

O velho chancellor é triste e carrancudo;
Sobre o peito, scismando, a calva fronte inclina,
E apoia a forte mão, que exércitos domina,
No seu melhor amigo — um grande cão felpudo.

Dir-se-hia Fausto ancião, que, concentrado e mudo,
Devorando o amargor da dúvida que o mina,
Mergulha o frio olhar pela opaca neblina,
Que, na terra e no céo, vai envolvendo tudo...

Que idéa agita agora a mente do Ministro?
O passado? o remorso? a tyrannia? a gloria?
Um plano de vingança? um combate sinistro?

Silencio! Elle contempla uma visão extranha:
Vê surgir, um por um, d'entre as sombras da historia,
Os vultos colossaes das lendas da Allemanha...

O BEIJO

Cousa tão simples, afinal, o beijo!
Simples como um olhar, como um aceno;
Mas que precioso vinho bemfazejo
Nelle se bebe — ou que mortal veneno!

Quanto elle diz, em rápido lampejo!...
Leves caricias de um amor sereno,
Insistentes reclamos do desejo,
Triumphante expressão do goso pleno...

E ora o sangue nas veias electrisa,
Ora as almas eleva e divinisa,
Num sagrado esplendor de preces mudas...

Beijo de mãe, beijo de irman confiante,
Beijo faminto e cálido de amante...
Mas ha tambem o beijo vil de Judas!

LUCTA ESTERIL

Como um rochedo, cahe-me sobre o peito
Do meu esforço louco a inanidade.
Eis, sem remedio, a ultima verdade:
O olhar é vasto, e o horisonte é estreito!

Quanta vez, alta a noite, em duro leito
Me agito, e a febre das paixões me invade;
E eu sinto a raiva, o ciume, a feridade
De um tigre, ao sangue e ao morticinio afeito!

Os dentes ranjo, as carnes dilacéro
Em espinhos de dor... E a consciencia
Nos olhos me olha, como juiz austéro!

Com pejo, exclamo então: Bella violencia!
Nem a mim proprio sei vencer, e quero
Violar — estulto! — as normas da existencia?...

O ABUTRE

(A MARTINS DE ANDRADE JUNIOR)

Um negro abutre, de azas agourentas,
Em meu berço pousou; e, d'ahi, baixando
Para mim o severo olhar nefando,
Murmurava-me pragas virulentas.

Esse olhar, de diabólicas scentelhas,
Trazia maldições, gritos blasphemos,
Da dor sem esperanza os ais supremos,
E da paixão as cóleras vermelhas...

Mal podia eu fital-o; como os raios
De nua espada, bárbara e assassina,
Bruscamente feria-me a retina,
E prostrava-me o espírito em desmaios.

E, solitario na atmosphera densa,
Movendo as longas plumas côr da noite,
O abutre me zurzia com o açoite
De um tempestuoso vento de descrença.

E as garras me embebia nas entranhas,
Como agudos punhaes envenenados,
Como legiões de vermes esfaimados,
Fremindo em loucas e implacaveis sanhas.

Desde então, sempre o encontro em meu caminho,
Mensageiro de tédio e de amargura;
Sempre me espreita aquella sombra escura,
Com irónico riso e ar escarninho.

Segue-me como o lúgubre remorso
De um delicto por mim não commettido;
Com o meu áspero genio desabrido,
Por fazel-o fugir em vão me esforço.

Este animal é cínico; recebe
Calmo os ultrages e reagir não tenta
— Vicio de quem nos mortos se apascenta,
E sangue pôdre vorazmente bebe.

Mas, indole traioeira e vingativa,
Forte da raiva pelo inferno accésa,
Paga-se em mim do opprobrio e da torpeza,
A que o tem condemnado a sorte esquiua.

Como um crédor estúpido e irritante,
Faz timbre o infame em estragar-me tudo;
De puro goso ou de tranquillo estudo
Não me concede um só ligeiro instante.

Eis por que cada noite entro mais triste,
Regressando da lucta quotidiana;
Sei que venho encontrar a fera insana,
Que em saciar-me de afflicção persiste.

Dormindo, ás vezes, pesadelo ingente
Me tolhe o respirar, me esmaga o peito;
Acordo em susto, e vejo sobre o leito
O abutre vil, grasnando loucamente.

E elle, quando em meus labios nasce a prece,
Flor de neve, exquisita, immaculada,
Com alvar e impudente gargalhada,
Todo o meu casto aneio desvanece.

Lembranças gratas na memoria esperto?
Faço versos de amor e de esperança?
Na arte e na fé meu coração descança,
Cantando como um sabiá liberto?

Deleito os olhos no sorrir da aurora?
Banho minha alma nos clarões da lua,
Como a virgem das selvas, branca e nua,
Na agua límpida as fôrças revigora?

Penso em alguém, que em mim acaso pensa?
Deixo voar a phantasia errante
Para a ignorada solidão distante,
Que encerra a luz de uma saudade immensa?...

Longo tempo o meu êxtasi não dura;
Este algoz tem horror ao meu repouso;
Inda irá certamente victorioso,
Perturbar-me na paz da sepultura.

Nestas minhas estrophes ha por isso
Laivos de desespero e de revolta;
O monstro seu rancor contra mim volta,
Rancor que eu proprio lhe exacerbo e atijo.

Estou qual novo Prometheu; o abutre,
Acorrentado vendo-me a um rochedo,
Fraco, indefeso — assalta-me sem medo,
Da minha carne e do meu ser se nutre.

Ave infernal, quem és? d'onde vieste?
Porque assim me torturas? que desejas,
Cérbero alado? Vae, maldita sejas,
Sanie ambulante, inexhoravel peste!...

Mas o abutre, o fatídico inimigo,
Com voz serena e gélida responde:
— Em vão te insurges; calla-te... pois, aonde
Tu fôres, eu tambem irei contigo.

Calla-te... Eu sou a natureza humana,
Toda vicios, e dúbidas, e treva:
Si alguém mais alto pelo ceo se eleva,
Logo do bem meu odio o desengana!—

LIVRO SAGRADO

Essa viagem que fiz a teu lado... querida,
Celestial desconhecida...
(Tão descuidado fui, que nem teu nome eu sei;
Mas ainda o prazer sublime vou lembrando,
Que tive, de apertar-te entre meus braços, quando,
Na véspera contigo *uma só vez* dansei).

Essa viagem que fiz a teu lado... Tão breves
Horas! seguramente deves
Já tel-as esquecido; eu é que nunca mais!
Nem o suspeitas; que — parece — eu não te disse
Palavras de paixão, nem fiz qualquer doidice
D'essas que são de regra e estylo em casos taes...

Lia. Disseste então: «Que livro é?» — Felizmente,
Era um conto assás innocente.
Muito sisuda, junto a mim, leste-o tambem.
Fascinavas-me assim — prêso o olhar e o sentido
Á novella em que um triste, amoroso, e trahido,
Morre sem confessar seu tormento a ninguém.

Na estante — em lugar de honra — o volume precioso
Guardo, com zelo carinhoso.
Que esse livro, si bem simples, quasi banal,
Noiva de um dia, emfim, por tuas mãos tocado,
Tem para mim agora um encanto sagrado
— O encanto mysterioso e grave de um missal.

6. VIII. 93.

CLEÓPATRA

Nubla a sombra da tarde o ceo de esmalte puro,
Que a púrpura do poente, em franjas largas, tinge;
E o moribundo sol vêdes palmeiras cinge,
Do palacio real dourando o vasto muro.

Scisma a rainha. Em seu olhar, furtivo e obscuro,
Revela a ignota dor que os seios lhe constringe;
Talvez, no riso máo de uma próxima esphinge,
Vai decifrando attenta o enigma do futuro...

Os ósculos de Antonio em seus labios presente;
E, entre excessos de amor, avultam-lhe na mente
Do sonhado triumpho imperial as scenas...

Mas vê logo, ao fluctuar do pavilhão romano,
Um leite de prazer banhado em sangue humano,
E por memoria, enfim, dois túmulos apenas...

EDADE MÉDIA

Nas amplas quadras do feudal castello
O ruido alegre de uma festa sôa;
No turbilhão das dansas corre, vòa
O grupo juvenil, airoso e bello.

Com terna voz, sentimental desvelo,
Cingida a fronte de immortal corôa,
Tangendo as fibras do psalterio, entôa
O menestrel seu cántico singelo.

Emtanto, a castellan silenciosa,
No aposento que inunda o luar prateado,
Attenta borda a tela primorosa

Do talim, que, no dia do noivado,
Deve prender a espada gloriosa
Do seu gentil guerreiro enamorado.

SERENATA

A noite essencias derrama
De jacintho e de baunilha
— Noite propicia a quem ama! —

Vamos; alegra-me, filha!
Ao pé da janella aberta,
Tua guitarra dedilha!

Vaga música que esperta
Vagos echos no arvoredado
Da matta umbrosa e deserta;

Sons que palpitam a medo,
Como em labios namorados
Palpita inquieto segredo;

Ais plangentes e arrastados,
Que os pyrilampos attrahem;
Os pyrilampos alados,

Que, mudos e lentos, sahem
Das moitas, e, ebrios de goso,
Nos flagrantes lyrios cahem...

Leva o vento rumoroso
As habaneras suaves
Para os ninhos em repouso.

Sob as verdejantes naves
Do bosque sacro: — que bellas
Canções! — exclamam as aves.

Pois, certo, nenhuma d'ellas
As sabe entoar tão puras
Tão finas e tão singelas.

E as mysteriosas ternuras
Da guitarra, que suspira,
Dão alma ás selvas escuras,
Qual de Orpheu a antiga lyra!

— A noite é clara e serena —
Tua guitarra dedilha!
Vivo olhar, face morena,

Por sob a negra mantilha,
O ardor que excita e devora
Tens das moças de Sevilha;

— A chamma que a fronte cora,
E, entre as sombras negrejantes,
Te torna esplêndida aurora. —

Vinde, chimeras errantes,
D'esse paiz do desejo,
Onde as pedras são diamantes!

Quanta coisa sonho e vejo!
Penso estar na Andaluzia,
Da brisa quente ao bafejo,

Sob o sol, em pleno dia,
Do Xerez e do bolero
Na turbulenta alegria;

Ou sob o toldo ligeiro
De uma góndola que passa,
Ao cantar do gondoleiro,

— Com a molle, esbelta graça
De um cysne, na correnteza,
Que o collo e as plumas lhe enlaça —

Lá pela onda, em que Veneza
Mira o seu rosto indolente
De fatigada princeza;

Ou numa orgia do Oriente,
Onde a bayadeira inquieta
Ri-se e dança doudamente,

Como dança a borboleta
Sobre os ramos da baunilha
Sua valsa predilecta!

Tua guitarra dedilha ;
— A noite essencias derrama —
Vamos! alegre-me, filha,
Que esta noite é de quem ama!

O ETERNO DIÁLOGO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

O coração

Eu sou o foco, o centro, o fundo
De toda a sensação humana.
No meu concreto e occulto mundo,
Tudo é real, e nada engana.

Si o olhar, por um pendor magnético,
Pousa, febril, em outro olhar,
Ou vulto finamente estético
Se delicia a contemplar ;

Si afaga o ouvido um som mavioso,
Uma voz meiga e feminina,
Que todo o enleva e attrahe, no goso
Da symphonia mais divina ;

Si prende o olfato a undosa coma,
Ou o beijo de uma ideal mulher,
Ou flor, que penetrante aroma
No seio d'ella foi colher ;

Logo, em meu âmago desperta,
Reflecte uma sonora fibra,
A emoção justa, a imagem certa,
Que nos sentidos freme e vibra.

Em mim, da criação demora
O múltiplo segredo ; em mim
Guardo da vida, hora por hora,
Germen, principio, meio e fim !

O pensamento

Ha um verme occulto no organismo,
— Verme immortal, que, a pouco e pouco,
Cava de ruina hiante abysmo,
Onde o homem cahe, perdido e louco ;

E és tu, não outro, o feroz verme,
Que, pelas trevas e á traição,
Rasga, trucidada um peito inerme,
Ó presumpçoso coração !

Com teus encantos não me illudo,
Nem julgo poucos os teus crimes ;
Tudo destroes, corrompes tudo,
De teus furores nada eximes !

Não fôras tu, genio perverso,
Genio fatídico do mal,
Que outros seriam, no universo,
Nosso destino e nosso ideal !

Seriam tudo na existencia,
Clara e perpetua primavera —
Os altos gosos da sciencia,
E a luz do sol, que o prazer gera !

A vida é lúgubre comtigo ;
Pois, de erro em erro a progredir,
Em cada ser um inimigo
Queres á força conseguir !

Pões entre mim e a natureza
Um véo de pranto e sangue e lucto ;
Do teu clamor sem termo prêsá,
Nem mesmo a voz de Deus escuto !

O coração

Á sêde atroz que nos consome,
Fonte escassíssima propões;
Ha nella bálsamo que dome
A ancia das nossás afflicções?

A sciencia! crês que os seus arcanos,
Por mais serenos e elevados,
Saciaram logram os humanos
Desejos? Dormem socegados

Na alma os activos sentimentos,
Porque demonstra Galileu
Que a terra, em longos gyros lentos,
Rola atravez do infindo céo?

Si os astros seguem, cautelosos,
A lei, que os rege em seu caminho,
Nós revoltamo-nos irosos
Contra fadario tão mesquinho!

Quem, de um brocardo ou de um theorema
Na sequidão, pode suppor
Exista a prédica suprema,
Que o choro estanca e lene a dor?

Surja e responda o velho Fausto,
Que ao torvo nume da Verdade
Se devotara em holocausto,
Desde a primeira mocidade!

Onde essa fronte encanecida
Á juventude renasceu?
Loura e piedosa Margarida,
Não foi, mulher, no seio teu?

O pensamento

Ousas falar-me de mulheres!
Tu, que do bem, trêdo, as afastas,
E com visões impuras feres
A phantasia das mais castas!...

Por ti, Helena o esposo honesto,
Insana, prófuga, trahiu;
E em dura guerra e exicio infesto
A avita Ilion se consumiu!

Por ti, num ósculo sublime
(Como vivêra, si o não dêsse?)
Francesca o amor culpado exprime,
E em justiceiras mãos perece!

Por ti, o virus do adulterio
Corroe os laços conjugaes;
E odio, ciume, vituperio
Vem resolver-se em longos ais!

Mas que acerbissima vingança
Te faz soffrer a sorte dura!
Tua fraqueza não descansa
Nunca, do berço á sepultura!

Urdindo tramas e desgraças,
De que, não raro, o acaso ri,
Nas proprias rédes te embaraças,
E fazes mal sómente a ti!

A vasta liberdade eu tenho;
Tu serves a um senhor cruel,
Submisso o adoras—com que empenho?
Contaminar-te em lodo e em fel!

Debil, arrastas as cadeias
Da escravidão mais degradante;
Gemes, e lúbricas sereias
Zombam de ti a cada instante!

O coração

Que importa? Assim qual foi creado,
Palpitarei até morrer:
Amar, si bem não sendo amado,
—Eis meu supplicio... eis meu prazer!

Haurir do goso a taça inteira,
E a do infortunio, áspero e rude
—Ahi vejo a gloria sobranceira
Da vida em sua plenitude!

Si tudo mente em toda parte,
Si as nossas crenças nada são,
Ao menos tenho a divina arte:
Fazer um céu... de uma illusão!

24. v. 93.



A PANOPLIA

Rija panoplia de aço, que previne
O golpe, e o torna inoffensivo e tardo,
Lavrada por Julian ou por Cellini,
Digna de Joanna d'Arc ou de Bayardo;

Não ha ninguem, de certo, que a crimine,
Seja donzella ou seja heroico bardo,
De trahir peito intrépido e galhardo,
Quando o rebate béllico retine.

As investidas rudes do inimigo,
Como em bronco arrecife as ondas bravas,
Quebram-se contra ti, possante abrigo.

Mas quantas settas já, do Amor escravas,
Pérfidas te feriram, e contigo
Os corações invictos que abrigavas!

ANACREONTE

Joven ancião, coroado de boninas,
Cans húmidas de nardo rescendente,
Nunca farto de goso, ou descontente,
Entre mancebos e mulheras finas,

Sem um leve tremor nas mãos divinas,
Arrancavas da lyra obediente
Cânticos immortaes, que inda no Oriente
Repete a brisa ás fontes crystallinas.

Tu sabio! tu feliz! em lucta rude
De ambições vans e de irritos desejos,
Não consumiste a eterna juventude!

Foram doces teus dias, como adejos
De pombas, como notas de alaude,
Como sussurros plácidos de beijos...

SEXTILHAS ANTIGAS

(DE UM BARDO SEISCENTISTA)

Menina dos olhos verdes,
Não me atormentes assim.
Vê lá que Deus, si me perdes,
Pedir-te-ha contas de mim.
Menina dos olhos verdes,
Não queiras matar-me emfim!

Ha nos teus olhos um mundo...
Terra ou astro? inferno ou céu?
Que importa? o íman profundo
De teus olhos me rendeu.
Ha nos teus olhos um mundo...
E eu quero tel-o por meu!

Por fazer-me escravo aneias?
Senhora minha, aqui estou.
Prende-me nessas cadeias,
Que Amor de estrellas forjou.
Por fazer-me escravo aneias?
Corpo, alma e vida te dou!

Mas tu, noutro sonho absorta,
Não queres ouvir, nem ver;
Estatua gélida e morta,
Ignoras o que é soffrer?
Ah! fica em teu sonho absorta...
Breve te has de arrepender!

Vae-te, inutil esperança!
Mal agourada illusão!
Febre, que, traidora e mansa,
Me atormentas a razão!
Vae-te, inutil esperança,
Deixa em paz meu coração!

Os teus olhos verdes mandam
Ter fé, sorrir, esperar;
Mas já meus desejos andam
Cansados de se enganar.
O que os olhos verdes mandam,
Não no posso eu alcançar!

Afagou-me a aza do somno.
Foi um delirio. Acordei.
Por que ha de aspirar ao throno
Quem não nasceu para rei?
Afagou-me a aza do somno.
Dormindo ao menos, gosei.

Olhos verdes, longe! longe!
Penei, desde que vos vi!
Como um cego, como um monge,
Para as seducções morri!
Olhos verdes, longe! longe!
Não me persigaes! fugi!

Meu Deus! e porque hei de vel-os,
Si não é minha essa luz?
Si na ancía de baldos zelos,
Mais me pesa a minha cruz?
Coitado de mim, que em vel-os
Todo o meu enlevo puz!

Para olhos verdes eu juro
Que não torno mais a olhar;
São lindos, de um brilho puro,
Mas voluveis como o mar.
Por olhos verdes, eu juro,
Não me deixarei matar!

ODE TRIUMPHAL

I

Deusa, que o meu olhar quer e procura,
Não receies descer do pedestal,
A que te ergueu, em soberana altura
O prestígio da tua formosura,

Deusa, deusa immortal!

Sei que, antes de fitar-te o resplendente
Vulto, humilde a teus pés curvar-me devo;
E é de joelhos, com o fervor de um crente,
Que estes versos terníssimos escrevo!
Si os não desdenhas, bella e nobre imagem,
— Qual nume augusto não desdenha o incenso,
Que lhe offerece ignoto peregrino —
Levem-te elles meu voto de homenagem,
Digam-te quanto sonho e quanto penso!

O teu poder divino

Deixa-me, em claras preces, invocar;
Nem tua alma gentil rejeite o hymno,
Que fremente se eleva ao teu altar!

Em vão meu genio se confessa e accusa
Presumpçoso demais, por ter ousado
Subir tão alto, ó minha nova Musa!

Si em seu vôo arriscado,
Na luz da tua gloria deslumbrado,
Aos poucos desfallece,
E para a terra, sem alento, desce,
Sustem-no tu, protege-o. Elle delira
Por ti, na chamma intensa que o consome.
Feliz, feliz serei, si nesta lyra
Só resoar teu nome!

II

Mas perdôa a ambição que a tanto aspira,
(Si ella perdão merece, e não louvor!)
És deusa; e eu, sem tremer, não me contento
De levantar a ti meu pensamento,
Atrevo-me a pedir o teu amor!

Deusa! perdôa a um louco
A audacia de encarar-te assim de perto!...

Mas ser deusa é tão pouco!
A ara é tão fria, e o templo é tão deserto!

— Venus, Apollo, Júpiter, Diana,

Lamento a escura sorte
Da vossa natureza sobrehumana!

Na rigidez do mármore orgulhoso,
O tédio vos corroe, peor que a morte;
 Jamais sombra de goso
Vos acalenta o regelado peito;
E nada vale, emfim, da ignara turba,
Que raro a vossa solidão perturba,
O importuno e fatidico respeito! —
Não; teu sorriso carinhoso afasta
Todo o temor, e excita o meu desejo;
A adoração, Senhora, bem o vejo,
Ao teu sublime espírito não basta;
E — faça o amor os damnos que fizer —
Queres amar e queres ser amada,
Porque, si és deusa, tambem és mulher!
 Na fronte enamorada,
Que não ornam os lyrios da candura,
Mas as rosas vermelhas da paixão,
 Cambiante fulgura
Das idéas o limpido clarão!
No teu corpo de formas opulentas,
Sangue, sangue de vida turbilhona;
E, em pulsações, já rápidas, já lentas,
Aos impulsos do affecto se abandona
 Teu igneo coração!
Tu és, tu és mulher! tens a fraqueza
Omnipotente, que os heroes domina,
E traz sempre a virtude ao jugo prêsa;
Que, onde tyranna a dôr se obstina, vence-a;

E, até nas almas, que com mais violencia
 A desgraça fulmina,
Faz renascer o gosto da existencia,
Como flor que brotasse em erma ruina!
 Vem a meus braços, vem!
N'esse fogo voraz e nunca extinto,
Que em tua voz, em teus olhares sinto,
 Eu quero arder tambem!

III

Vem; eu todo me entrego
Ao teu suave e imperioso encanto;
Quem lhe resiste, que não seja um cego?
Ditoso aquelle que provoca o abysmo,
Vencido pelo lânguido quebranto
 Das nocturnas sereias!...
Dar-me-has o céu? o inferno? Em tal não scismo,
Desde que eu seja teu, tu sejas minha;
No nectar de teus labios não ha travo,
Nem aos pulsos me pesam as cadeias
Do captiveiro. Jubiloso escravo,
O coche triumphal em que pompeias,
 Invencivel rainha,
Seguirei manietado.— A velha historia
Lembra do servo egypcio, que, em discreto,

Silencioso affecto,
Pela belleza rara
De Cléopatra um dia suspirára.
Ella, de lá, do seu zenith de gloria,
Ouve-lhe os mestos ais;
E, por toda uma noite, em longa orgia,
Com seus osculos quentes o inebria;
Quando, porem, surgiu o sol sereno,
— Já, victimado por atroz veneno,
O feliz servo não vivia mais! —
Tal meu destino fosse,
E eu, Cleópatra minha, o abençoaria!
Ah! como fôra doce
Morrer n'esse delirio vago e terno,
Em teu seio morrer — morrer n'um throno;
E ter teus beijos como sonho eterno
Do meu eterno somno! ...

IV

Vem; tudo nos convida
A amar; que immenso bem respira tudo!
É solitario o espaço e o bosque é mudo;
Amemo-nos, querida!
Olha! o poente em púrpuras se abraza;
Além das serras, onde

Já do crepúsculo erra a mobil aza,
Lentamente a aurea lâmpada se esconde.
Os veos da sombra amiga
Nos dão asylo; confiemos d'ella
Nossa ventura plácida e singela,
Que de profanas vistas foge a medo,
E sómente se abriga
Da floresta no tácito segredo.
As estrellas apontam aos milhares,
Do firmamento nas regiões tranquillas,
Perscrutando, com ávidas pupillas,
Montes, valles, campinas, selvas, mares.
Tudo ellas sabem; seu olhar sagaz,
Que nas trevas se apura e se concentra,
Em nossas mentes, inflexivel, entra,
E as consciencias julga.
Mas, formosa, não tremas — fica em paz!
Eróticos mysterios não divulga
Seu fulgor innocente e compassivo,
Que brando lenitivo
A tantas penas ignoradas traz...
Esta é a hora propicia;
Gozemol-a, que a vida é passageira!
Sorvamos, até a gotta derradeira,
A suprema delicia!
O esposo, impaciente, aqui te aguarda,
Morena Sulamita!
Quanto á paixão que em mim se estorce e agita
O teu carinho tarda!

Ao repouso perfeito se offerece
O thálamo, de flores recamado...
Que suave aconchego! assim pudesse
 Ter-te sempre a meu lado!
Ouvindo suspirar, cantar de manso
A tua voz, que, com meiguice extrema,
 As illusões me embala,
Rir-me-hei da má fortuna (que outro a tema!)
Sabendo, em tal prazer, em tal descanso,
Como um heróe antigo, desprezal-a!
Cinjam-me a fonte, como um real diadema,
Os teus braços de cálido marfim!
Longos, undosos, bastos, os novellos
 Dos teus negros cabellos
 Desnastra sobre mim!
D'elles se evola um leve odor ethereo
De baunilha, de sándalo e jasmim!
E a aragem, ao passar por elles, vibra,
Como atravez de harmoniosa fibra,
Um murmurio submisso de psalterio...
Na tua bocca, taça coralina,
Quando com beijos meu delirio domas,
Bebo — ó doce embriaguez selecta e fina! —
Vinho mesclado de orientaes aromas...
Que esse vinho de deuses me adormeça,
Por longas horas de subtil olvido;
Preso ao teu caro affecto appetecido,
 Tudo, tudo eu esqueça!
 N'este enlevo profundo,

Deixa-me absorto, a sós contigo, a sós!
Lá fóra, longe, tumultua o mundo,
Em baldas luctas... Tumultue embora!
 Que vale o mundo agora?
 O mundo — somos nós!

1893.

EM GUARDA

Á porta azul do nosso templo, bate
A morte. É rude e proximo o perigo,
Mas nossa alma aos furores do inimigo
Rosto sereno mostra, e não se abate.

Assim desdenha a lua o cão que late...
Elos robustos são de bronze antigo,
Os fortes braços com que a mim te ligo;
Que poder ha no mundo, que os desate?

Crestassem mesmo em abrazada pyra
Nossos altivos corações constantes...
Ainda o amor das cinzas resurgira!

Dure um século, pois, ou dure instantes
A nossa vida que odios taes inspira,
Viver, morrer saibamos como amantes!

LEMBRA-TE!

(A. DE MUSSET)

Lembra-te, quando ao sol, timidamente,
A aurora abrir seu encantado paço;
E quando, sob um veo de prata algente
Scismando, a noite devanear no espaço.
Quando o goso agitar teu seio de mulher,
Quando os sonhos da tarde a sombra te trouxer,
Escutarás, além, na matta umbrosa,
A voz mysteriosa:
Lembra-te!

Lembra-te, quando formos condemnados
Á magoa eterna da separação,
E a dôr, o exilio, os annos fatigados,
Me houverem corroido o coração;
Pensa no extremo adeus, n'esta triste existencia!
Para quem ama, o tempo é nada, e é nada a ausencia.
Meu pobre coração, até morrer,
Sempre te ha de dizer:
Lembra-te!

Lembra-te ainda quando paz sem termo
Elle, extinto, gozar na terra fria;
E quando, em meu sepulchro, a flôr do ermo
Desabrochar suavemente um dia!
Não mais tu me has de ver; mas, onde quer que vás,
Junto de ti minha alma — irmã fiel — terás!
E, alta noite, has de ouvir voz conhecida,
Murmurando sentida:
Lembra-te!

CABELLOS BRANCOS

Esses precoces fios prateados
— Do teu affecto cândida lembrança —
Signal não são dos annos fatigados,
Em que desmaia o viço juvenil;
Nos olhos senhoris cor da esperança,
Na bocca fresca, no semblante airoso,
Tens todo o puro encanto luminoso
Do ceo, dos lagos nas manhans de abril.

Dizes que as neves são do teu inverno,
Cobrindo a abandonada sepultura
A que te prende um desespero eterno,
Que não se queixa aos homens, nem a Deus;
Que para ti morreu toda a ventura,
Que o teu ideal gerou perpetuas dores,
Que na taça dos férvidos amores
Nunca mais se ungrirão os labios teus!

Bella martyr! Minha alma se enternece,
Pensando em ti, no teu cruel destino;
Que tua alta virtude não merece
Tantas, tão infernaes perseguições.
Devêras ser a flor, que em crystallino
Rio se embala e voga mollemente;
E és a folha, que a cólera inclemente
Do vento arroja ao seio dos vulcões!

Não terás mais um sentimento forte
Que o sangue virginal te agile e mova?
Nos longos braços gélicos da morte
Queres tão cedo, em pleno sol, dormir?
Não desfalleças na custosa prova;
Em mel se torne esse veneno amargo;
Ainda o horisonte é purpurino e largo;
Ainda ha luz no presente e no porvir!

Ah! feliz eu seria, si pudera
Dar toda a minha vida inutil, gasta,
Por que outra e mais fecunda primavera
No seio te influisse almo calor...
Mas não; que vale esta chimera?— Basta
De devaneios; tudo é frio e extinto.
Bem que no coração cravado o sinto
Jamais conhecerás meu louco amor!

NA AULA

O velho lente, sabio e venerando,
Com voz tarda, monótona, abatida,
Desenvolve uma these aborrecida,
Auctores, datas, códigos citando.

Pouco a pouco aos meus olhos vem baixando
A aza do somno, mórbida, esquecida;
Rebelde a phantasia vae vagando
Por ignota região indefinida.

No âmbito estreito d'esta sala escura,
Invejo a borboleta e a brisa mansa,
Brincando ao sol, que as veigas illumina;

E, afugentando o tédio que a enclausura,
Chama por ti minha alma de criança,
Ó Natureza amavel e divina!

NOCTURNO

Fito-vos, atravez da noite escura,
Do templo eterno lampadarios santos;
Mas minha vista ennubla-se de prantos,
E á terra volve, turva de amargura.

Entre vós, milhões de astros, um procura,
Que me suavise a dôr com seus encantos;
Nenhum de luz amiga — e vós sois tantos! —
Por mim palpita, para mim fulgura...

Ninguem, o nada sempre, longe ou perto;
O ceo para a minha alma é tão deserto,
Como é vazio e triste o mundo. Assim,

Jamais tive, por muito que soffresse,
Um coração que só por mim vivesse,
Um meigo olhar que só pousasse em mim!

THRENOS

(A CARVALHO MOURÃO)

I

Feliz o poeta, que sómente canta
Alheias decepções, dores ficticias,
E com mentidas lágrimas encanta,

Haurindo a vida em taça de delicias,
Sentimentaes mulheres, que os tormentos
Lhe consolam com lúbricas caricias!

Absorto em lisongeiros pensamentos,
Os baixos antros da existencia ignora,
As vis ciladas, os supplicios lentos,

Com que o espirito e a carne nos devora
Esse verme roedor, que mais se irrita,
Bebendo os prantos que nossa alma chora,

Desesperada, incrédula e precita,
A blasphemar da gloria e da esperança,
Negada do homem e de Deus maldita!

Feliz, feliz o poeta, que descansa
No seio de uma rútila chimera,
E quanto, enfim, deseja, tudo alcança!

Satisfeito no amor, que lhe modera
Da ambição os arrojios, desafia,
A rir, o pravo tempo e a sorte austera!

Na turbulenta febre de uma orgia,
Lábios frementes, seios nus e brancos,
Para acolhel-o, se abrem á porfia!

Ou, si prefere a sensuaes arrancos,
Do seu lar no pacífico recesso,
Gosos mais puros, corações mais francos,

Não lhe requeira a fronte o estigma impresso
Do mal, que os beijos virginaes afasta,
Nem a sanie moral — veste de Nesso —

Mente, sentidos lhe corrompe e gasta
Perpetuamente, por que mais não possa
Remil-o uma affeição tranquilla e casta!

Feliz quem sob as alvas cans, remoça,
Como tu, venturoso Anacreonte,
Mestre supremo d'esta vida nossa!

Em êxtasi, olhos fitos no horisonte
Serenos, até morrer tanges a lyra;
Que te importa a carranca de Acheronte,

Na velha Estyge, onde o prazer expira?...
Teu coração, impávido e jocundo,
O mundo gosa, e a nada mais aspira!

Quem te segue, philosopho profundo,
Alegre sybarita, que soubeste
Em eden transformar pântano immundo,

De sadia coragem se reveste,
Panoplia ferrea, diamantino escudo,
Que immune o guarda contra a guerra e a peste.

Zombando do tormento mais agudo,
Conserva as forças do seu genio illesas,
E paira além, bem alto sobre tudo;

Finja embora paixões, loucas empresas,
Para colher applausos mais diversos;
Só conhece platónicas tristezas,

Como thema sublime para versos!

II

Mas o que, para descobrir a olhares
Profanos, luctas e melancolias
Grandes, immensas como os ceos e os mares,

Não precisa buscar nas fantasias
Custosas da arte, a lugubre verdade,
Que em si proprio revê todos os dias;

O que perdeu sem tino a mocidade
— Flor de aloés que, murcha, não renasce —
De funestos excessos na ebriedade;

Sem que piedosa mão jamais lograsse
Suster-lhe a queda com socorro amigo,
Antes que o último abysmo o reclamasse;

O que, de ha muito, já não traz consigo
Esse invencível talismán do forte
— A fé — que o nutre e eleva no perigo;

O que, exilado e prófugo da sorte,
Vagueia, sem parar, de terra em terra,
Buscando a solidão, pedindo a morte,

Por que, nas trevas onde inutil erra,
Não recobrará mais a luz perdida,
A luz suave, cuja ausencia o aterra;

Maldiz, com rouca voz enraivecida,
O destino cruel do genio, a Furia,
Que do Cáucaso á rocha denegrida,

Prometheu novo, o amarra; e expõe-no á injuria
De vêr seu nobre alaúde soberano,
Contaminado ás mãos da plebe espuria!

Meandro sem fim do sofrimento humano!
Labyrintho voraz da magua eterna!
Amargo, torvo, illimitado oceano!

Quem no teu âmago uma vez se interna
E a bocca em tuas ondas humedece,
Como o enfermo nas aguas da Cisterna,

Bem que ao santo fervor se dê da prece,
Ou dos cegos prazeres ao delirio,
Nunca mais, nunca mais teu fel esquece!

Que vale a inspiração?— Peor martyrio,
O de á propria agonia erguer um templo!
Encerra alguem no calice de um lyrio

Seu sangue?... Emtanto— lastimoso exemplo!—
No aureo escriptorio do verso deificada,
Quantas vezes do poeta a dôr contemplo!

Ah! quem sentiu, a desfazer-se em nada,
O universal systema luminoso,
Que creara em sua alma apaixonada;

Quem viu fugir-lhe aos poucos o repouso
Após de incauto júbilo horas breves,
Como si após a aurora o tenebroso

Chaos nocturno viesse; quem as nevês
Viu cahir do sanhudo inverno, inda antes
Que a primavera suas azas leves

Abrisse sobre os valles verdejantes...
— Esse, presa de lúgubres nevroses,
Dado em pasto do tedio ás faucas hiantes,

Tal como a um bando de animaes ferozes,
Com as mãos rasga, em desespero, o seio,
Inflammado de cóleras atrozes;

Ás saturnaes da humanidade alheio,
Inveja o vulgo estúpido e insensivel;
E nem logra siquer— baldado anceo! —

Seu estro erguer do seu tormento ao nivel!

RIMAS

(GUSTAVO BECQUER)

I

Pranto havia em seus olhos nesse dia;
E o perdão já dos labios me fugia.
Mas, ai! o orgulho o pranto lhe enxugou,
E o perdão em meus labios expirou...

Ella anda n'um caminho e n'outro eu ando,
E em nosso mutuo amor vamos pensando:
Por que fiquei calado então? direi...
E ella dirá: Por que é que não chorei?...

II

Leio — tão bem como n'um livro aberto —
Nessas pupillas... Para que fingir
Nos teus labios um riso, que, de certo,
Os teus olhos estão a desmentir?

Chora! e não te envergonhes, entretanto,
De confessar que me quizeste bem!
Chora! ninguem nos vê... corra o teu pranto.
Olha! um homem eu sou... choro tambem!

III

Como vive essa rosa, assim pendente,
Junto ao teu coração?
Nunca vi até hoje, certamente,
Flores sobre um vulcão...

IV

Por um olhar, o mundo! o paraíso
Por um único sorriso!
E por um beijo... ah! sei eu
O que daria por um beijo seu!?...

V

Foi a nossa paixão qual farça trágica,
Em cuja incoherente trama,
Ora o grave quer prantos, ora o cómico
Gargalhadas loucas reclama.

Mas o peor da historia foi sem dúvida,
Que, do espectáculo no fim,
Risos para ella tinha havido e lágrimas...
E só lágrimas para mim!

VI

Escusais de o dizer... Sei que ella é pérfida,
Que é sobranceira, futil, caprichosa;
Mais facil brotará nas pedras a agua,
Do que affecto em sua alma desdenhosa.

Sei que ao seu coração, ninho de viboras,
Faltam as cordas em que o amor palpita;
Sei que é uma estatua inanimada e gélida...
Mas, ai! é tão bonita!...

MEU CORAÇÃO

Depois de aspérrima doença,
Sem medicina e sem conforto,
Eu tive uma alegria immensa:
Suppuz meu coração bem morto...

Mas, ai! o doce engano altivo
Acabo agora de o perder;
Meu coração inda está vivo,
Que eu bem o sinto aqui doer...

GOOD NIGHT

(A COELHO NETTO)

Ainda me lembra esse chalet, que á sombra
Das vetustas mangueiras se escondia;
Em torno um parque a sua verde alfombra
Até á faldá dos morros estendia.

Eu lá passava ás vezes, regressando
Do meu antro na próxima floresta,
Aonde ia no verão, de quando em quando,
Ler, ao chilrear dos pássaros em festa...

Uma tarde, ao voltar — já dolorido
O *Angelus* enluctava a natureza —
Vinha eu cantando, lento e distraído,
Umás trovas de música escosseza.

Era uma antiga e pastoril ballada,
Obra de extranho menestrel ignoto,
Por zagaes vagabundos psalmodeada
Nas solidões do seu paiz remoto.

(Quem me ensinára a singular cantiga?
Ah! sim!... Um velho cego que á viola
Sempre a entoava, rouco de fadiga,
E, de chapéo na mão, pedia esmola.)

E enxerguei á janella um branco vulto,
Ondeante, flexível e ligeiro,
Entre espessas cortinas semi-occulto,
Como um lyrio entre os ramos de um salgueiro.

E aquelle branco vulto, com voz leve,
Tenue, submissa, tímida e fugace
— Qual si em um nenuphar alvo de neve
A meio tom um sabiá gorgesse —

Good night! ao ver-me, segredou. Que encanto.
Suave, que profunda sympathia
Na saudação, que, d'esse obscuro canto,
Ao que eu vinha dizendo respondia!

Era como de um anjo a benção casta,
Baixando sobre a minha triste fronte
— Como scintillação do sol que afasta
As procellas e os nimbos do horizonte.

Era um echo tardio das endeixas,
Que vibram de Ossian na prisca lyra,
Quando a amorosa Colma em doces queixas
Pelo guerreiro ausente em vão suspira...

Boa noite? Oh! de certo! Um só momento
Eu não dormi; pelo calado espaço
Não cessou de adejar meu pensamento,
Vagas visões seguindo passo a passo.

Melhor, porém, melhor (cousa tão rara
Esta é na vida!) eu me senti desperto,
Que si a um somno sem sonhos entregara
O corpo exausto, o espirito deserto.

Então me aprouve mais que a inconsciencia,
Em que a mente se extingue e a dor se amansa,
A inopinada e túrbida violencia,
Com que em nós lucha a febre da esperanza.

Horas e horas, esquecido d'ellas,
Fitando os astros, cheios de doçura,
Eu pensava: A mais pura das estrellas
Ora na terra, não no ceo, fulgura...

E assim me surpreendeu a fresca aurora
Assim meus olhos baptisou o orvalho;
Já camponezes pelos prados fóra
Partiam para o rústico trabalho.

Sim, boa noite! E abençoada sejas,
Ó filha de Albion, ó virgem loura,
Que ora, longe de nós, bem longe, alvejas,
N'uma constellação immorredoura!

Era uma ingleza joven — simples alma
De criança — quinze annos tinha apenas;
Viera do seu paiz mais fria e calma
Que os patrios lagos nas manhans serenas.

Mas o clima dos trópicos fecundo
Lhe dissipara os gelos primitivos,
Creando-lhe no sangue um novo mundo
De latentes paixões, de affectos vivos.

Aureolavam-na rútilas madeixas,
Com cendrados reflexos de ouro antigo.
Lavrador, no teu campo não enfeixas
Mais louras hastes de maduro trigo!

Tanto uma vez, num baile, deslumbrou-me
Seu porte esbelto e nobre de princeza,
Que julguei — a pedir-se-lhe o seu nome —
Ella diria : Eu chamo-me a Belleza !

Poucas palavras, poucas e vulgares,
Trocámos, no delirio de uma valsa,
Entre indolentes, distrahidos pares,
N'esse ambiente de alegria falsa.

Nada me revelou; só, porventura,
Mais rápido senti, junto ao meu braço,
Bater-lhe o coração... van conjectura
Talvez, talvez calor, talvez cansaço.

Eu deixei no outro dia a alpestre villa ;
E alguém (ó triste natureza escrava !)
No nosso adeus de ephémera e tranquilla
Cortezia, em silencio agonisava...

Soube eu, depois, que ella morrêra ; e disse
Seu velho pae que no supremo instante,
Como os arrancos últimos sentisse,
Meu nome proferira, balbuciante.

Elisabéth ! ó pobre amiga ! ainda
Banham-me as faces lágrimas copiosas,
Quando relembro esse *Good night*, e a linda
Casa, e o parque, e o jardim cheio de rosas !

Si foi amor ? Inda hoje — e quantos annos
Passaram sobre as ondas, em que vogo
Sem norte ! — a alma gentil, nua de enganoso,
De fingimentos nua, eu te interrogo !

E eis que a mim mesmo ora o pergunto, em summa,
Analysando a nossa vida extinta,
De que não ha recordação alguma,
Cuja saudade interminá eu não sinto !

Mas, ai ! a infeliz moça não acorda,
Quando a evoco em meus sonhos de poeta,
Nem vem sentar-se do meu leito á borda,
Para acalmar-me esta vigilia inquieta !

Si foi amor, enérgico recato
Velava as chammas d'esse affecto honesto,
Que se vedou, com zelo intemerato,
Uma palavra, uma allusão, um gesto...

Si foi amor, eternamente o encobre
Inviolavel e fúnebre mysterio;
Não ha poder humano que recobre
Os thesouros que guarda um cemiterio.

Ella, a desconhecida, alem repouso,
Só por mim, só por mim talvez chorada;
E eu leio sobre a sua humilde lousa:
Graça, belleza, juventude... e Na!a!

S. Paulo, 1892.

IN EXTREMIS

Presentimentos lúgubres, tristezas
Mortaes, gritos de dor, espasmos de ira,
Ais de quem no abandono em vão suspira,
Chammas de amor eternamente accêsas,

Inutil desespero de almas prêsas
Do odio e do ciume á incandescente pyra,
Agitae do meu ser as profundezas,
Por que um canto acerbissimo eu desfira;

Canto, que possa commover o esquivo
Peito d'essa mulher, lindo e perverso
Monstro, por quem de vida e luz me privo!

Para rendel-a, gemam no meu verso
— Voz de leão moribundo, mas altivo —
Todos os soffrimentos do universo!

1891.

DIDO

Enquanto, ao longe, a armada do Troyano,
Singrando o mar, as velas solta ao vento,
Dido, prêsa de lúgubre tormento,
Inda reanima o seu amor insano.

Fita os olhos chorosos no oceano,
Que lhe roubou da vida o unico alento,
E, em contorsões de inutil soffrimento,
Chama o pérfido amante deshumano.

Mas elle não a escuta; é vão seu pranto:
Em vão se ajoelha, e reza; em vão suspira;
Quem, Deuses immortaes, já soffreu tanto?

Vota-se á Parca; accende a fatal pyra;
E, no furor do seu affecto santo,
«Morre, Dido infeliz!» — clamando, expira...

SEM NOME

Soffrer da vida os máximos supplicios,
Perseguições, calumnias, vis intentos,
Da saudade os espinhos virulentos,
E da ausencia os mal pagos sacrificios;

Chorar em abandono,

Longe da compaixão de um só amigo,
Não ter sem pesadêlo horrendo um somno,
Nem uma hora sem magoa e sem perigo;

Ser apontado com desdem, com furia,
Pela turba odiosa dos tyrannos,
Numa prisão sepulto largos annos,
Tragando cada dia nova injuria;

Atravessar descalço

Longos caminhos ríspidos de abrolhos,
E, por fim, encontrar diante dos olhos
A ameaça feroz de um cadafalso;

Tudo isso é doce a um coração altivo,
Quando lhe enflora os sonhos predilectos
A energia dos intimos affectos,
Que o amor inspira, eterno e sempre vivo;
Quando uma dôr immensa
Pode offertar-se em respeitoso culto
A alguém, que num só beijo nos compensa
De todo o desengano e todo o insulto.

Mas ver que a nobre e celestial imagem,
Posta na ara, a que ascende a nossa prece,
Não gloria e fé, mas irrisão merece,
E uma blasphemia, em vez de uma homenagem;
Vel-a rolar no lôdo,
Em que o descaro lúbrico se expande
— Polluida, indigna d'esse amor tão grande,
Que o seio nos inflamma e rasga todo:

Este é o lóbrego inferno, onde, perdidos
Nas trevas, reinam o pavor e o espanto;
Onde nem brilha a escassa luz do pranto,
Onde sem echo expiram vãos gemidos;
Porque resiste, e é cega,
Perante horror tamanho uma alma forte?
Porque teu braço, justo Deus, lhe nega
O refugio suavíssimo da morte?

VELHICE DE DON JUAN

(A RAYMUNDO CORREIA)

I

Ha muito é posto o sol; um crepúsculo frio,
De neblina subtil — crepúsculo de inverno —
Pelos ares espalha insólito arrepio...

Uma primeira estrella, uma só, por emquanto,
Palpita, além, escassa; é como um olhar terno,
Que íntimas dores trahe, embaciado de pranto.

Palpita a estrella sobre a torre fina e aguda
Do solar; pela estrada, em baixo, mal distinctas
Formas erram aqui, allí, na sombra muda.

Festas de regio luxo animaram outr'ora
O castello feudal; festas, ai! são extintas
Na triste habitação, onde o silencio mora.

É Don Juan o senhor ; Don Juan, o predilecto,
Enamorado rei das almas femininas,
Que anciavam por elle, em demencias de affecto.

Ai! como longe vão os risos das mulheres,
Bailando nos salões á luz das serpentinas,
Ou no parque esfolhando os tredos malmequeres !

Ai! como longe vão seus ósculos de chamma,
Seus ósculos de extranho aroma capitoso,
Que delirios de amor dão mesmo a quem não ama!

Don Juan envelheceu; no seu longo fadario,
Até o fundo esgotara o cálice do goso...
Retirou-se do mundo, e vive solitario.

Hoje, é quasi um mosteiro o solar; quasi um monge
Don Juan, que, impaciente, a morte acaso espera.
— Osculos? risos? ai! como tudo vai longe!

Horas e horas, immoto e grave, elle descansa,
Lembrando-se...? Talvez; mas pela face austera
Nem lhe passa o clarão fugaz de uma lembrança.

II

Eil-o alli; recostado á janella entreaberta,
Com a fronte nas mãos, angustiado, medita,
Passeando o vago olhar pela estrada deserta.

Ergue-o, depois, ao ceo; aquella única estrella,
De vacillante luz, embevecido fita;
Longo tempo se queda, embevecido, a vel-a.

Sob o grande chapeo desabado, que pluma
Negra, pendente adorna, os seus cabellos brancos
Têm reflexos de prata ou de marinha espuma.

Mortal é a pallidez do emmagrecido rosto,
Que outr'ora alardeou brios joviaes e francos,
E ora apenas traduz fadigas e desgosto.

Do frio o abriga um manto escuro de velludo,
Que dos hombros lhe cai, pesado, em amplas dobras,
Eavolvendo até os pés o corpo esguio e ossudo;

— É o manto de Don Juan nas noites de Sevilha,
Em que as jovens sensuaes, flexiveis como cobras,
Dansavam febrilmente ao som da seguidilha...

III

E elle suspira : « Vem a noite eterna; ó alma,
Que voaste tanta vez nas azas da procella,
Busca da sepultura a desejada calma!

A existencia foi longa; é chegado o seu termo :
Por que estendel-a mais? que posso eu fazer d'ellá?
Só paz e olvido quer meu coração enfermo...

Quanto é prazer no mundo, e quanto aos seus validos
Reparte em summos bens a favoravel sorte,
Tudo me alimentou o espirito e os sentidos.

Em meu ser, ao sabor das emoções disperso,
Que falta? Uma emoção: a última; a da morte!
Tudo o mais para mim é velho no universo!

Por minhas mãos correu, caudal, um rio de ouro;
Foi-me propicio o fado em duellos e combates;
Acariciou-me a fronte a macieza do louro.

Nas côrtes galanteei, com intrépido zelo;
Porfiando em canções com os menestreis e os vates,
Das mulheres obtive o galardão mais bello.

Audaz sempre, e ditoso, e preferido — em laços
Múltiplos me deixei prender; e vivi preso
Ao suave grilhão dos femininos braços!

Quantas, quantas ouvi murmurar: « Eu te adoro!
« Curvo-me do teu jugo ao brando e caro peso;
« Vencida, humilde, escrava, o teu auxilio imploro! »

Quantas, banhado o rosto em doloroso pranto,
Vieram acolher-se, inermes, a meu seio,
Dando ao peccado, assim, das lágrimas o encanto!

Outras, a disputar-me em ciumento delirio,
Fizeram-me tremer, a mim que em nada creio,
Com a ancia e o estertor de um fingido martyrio!

A primeira que amei... si amei uma, foi essa...
Pura como o esplendor da estrella merencoria,
Que única fulge além, nos veos da treva espessa,

Como eu a seduzi,— brincando, ingenuamente,
Sem o saber! — E foi minha mais nobre gloria
Essa meiga paixão, virginal e innocente!

Mas voluvel, cansado, e succumbindo ao tedio,
Um dia a abandonei, gosos novos buscando...
— Ó loucura fatal! loucura sem remedio! —

Fui cruel, fui perverso; e enganei-me, e perdi-me,
Seus carinhos leaes, sinceros, desprezando...
Que agua me lavarás das manchas de tal crime?

Cêgo, atirei-me então ao vórtice da orgia,
Que em mim foi desfazendo as illusões mais caras,
E aos poucos me tornou a alma esteril e fria...

O vinho saboreei de taça em taça, e o beijo
De bocca em bocca; e tive, emfim, amantes raras,
Das que excitam, sorrindo, o universal desejo!

E conheci de tudo: austeras e levianas;
As que imploram o olhar, e as que em doloso geito,
Por dominar melhor, se fingem deshumanas.

Em muitas encontrei couraças de virtude,
Proprias para ceder com garbo mais perfeito...
Mas tal comedia, a mim, de certo não me illude.

Ouvi phrases de amor em todos os idiomas;
Não descobri, porem, teu idioma, ó Verdade,
Que, implacavel agora, o meu orgulho domas!

Andorinhas de abril, gárrulas hespanholas,
Primores de elegancia e de jovialidade,
Doidas pela guitarra e pelas castanholas;

Romanas senhorís, altaneiras patricias,
Typos de Raphael, irmans da Fornarina,
Que unis prestigio heroico a sensuaes delicias;

Francezas, de selecta e gracil formosura,
Que realçaes tão bem com ironia fina
Declarações de affecto e extremos de ternura;

Gregas, que inda trazeis no olímpico semblante
Esse cunho triumphal do pensamento helleno,
Em que brilhou do genio o sol mais deslumbrante;

Louras filhas de Albion, anjos de bruma e neve,
Flores sentimentaes do legendario Rheno,
Onde valsam Willis da brisa ao sôpro leve;

Todas vós, bem o sei, mentistes! que, nas luctas,
Em que os sexos rivaes, gosando, se destroem,
É vossa arma a traição, heta'ras astutas!

Mas eu tambem, ligando a egoísticos intentos
As perversas paixões que o sangue vos corroem,
Despiedado zombei de vossos juramentos!

Com lúbricos ardís — com felinos afagos
E beijos sem amor — manchei, rindo e cantando,
Corpos em que bebi veneno a longos tragos...

E em vossa carne branca — adorada e maldita! —
Nodoas taes ficarão impressas, perpetuando
A vossa infamia negra e a minha atroz vindicta! »

IV

E emquanto assim Don Juan, com voz senil e gasta,
Invectiva a Mulher, que em cóleras o accende,
E importunas visões do pensamento afasta,

Toda mysterio e gloria e paz, no céu profundo,
A legião immortal das estrellas resplende
— Como olhos de Mulher abertos sobre o mundo...

1894.

A LESBIA

(CATULLO)

Vivamos, Lesbia minha, e amemos;
Dos escrúpulos e conselhos,
Que despendem embalde austeros velhos,
É zombar! Sol que morre hoje, eis que o vemos
Renascer ámanhan.— Mas nós, no dia
Em que a luz breve, que nos delicia,
Extingue-se da morte ao rijo açoite,
Entramos a dormir a eterna noite!
Mil beijos dá-me, e cem, e novamente
Mil, mais cem, outros mil, cem outros inda;
E, quando muitos mil, n'uma ancia infinda,
Trocado houvermos de paixão fremente,
Seu numero sem numero esqueçamos,
Por que não possa despeitosa gente
Ter ciume dos beijos, que trocámos...

EM DESALENTO

I

Ando de magoas taes entristecido,
— Por mais que as minhas rebeldias dome...
Tanta angustia me abate e me consome,
Que do meu proprio senso ora duvido.

Tudo por causa d'este amor perdido,
Que a ti só, para sempre, escravizou-me;
Tudo por que aprendi teu caro nome,
Porque o gravei no peito dolorido.

Vês que eu sou, dizes bem, uma creança,
E já de tedio envelhecer me sinto,
E a mesma luz do sol meus olhos cansa;

Pois, como absorve um lenho o mar faminto,
Um corpo a tumba, a morte uma esperança,
Tal teu ser absorveu meu ser extinto...

II

Amo... mas com amor caçado e triste,
Como o ancilar das longas agonias;
Ai! porque assim tão cedo me fugiste,
Nobre calor que o seio me incendias?

Meu coração indiferente assiste
Ao deslizar monótono dos dias;
Só por suas pancadas, deveis, frias,
Sei que inda aqui um resto d'elle existe.

Mas tu, mulher em teu orgulho absorta,
Mulher de ánimo estreito e pequenino,
Minha alma desprezada que te importa?

Curva-se acaso o algoz ou o assassino,
Para indagar da victima já morta
Si inda a pode salvar do seu destino?

ALMA INQUIETA

Si, deixando um momento o meu exilio obscuro,
Eu pudesse tornar-me um espirito puro,
Liberto dos grilhões da existencia carnal,
Leve como de um anjo o vulto celestial,
E fosse voando assim, pela noite calada,
Até lá onde estás, ó minha bem amada!...
Si, vendo-te a dormir, sob os veos do luar,
Em tua muda alcova ousasse penetrar;
E afagasse a tremer, com minhas mãos de gelo,
Na brancura do linho o teu negro cabelo;
E aos teus olhos soprasse um hafejo subtil,
Para te despertar do teu somno infantil;
E no escuro surgisse — abatido e tristonho —
Como etherea visão, como fórma de um sonho,
E roçasse de manso o meu rosto no teu,
Em cautelosa voz murmurando: «Sou eu!

Nada temas ! Sou eu, que vim de muito longe,
Da minha solidão de proscripto e de monge;
Dizer-te que te adoro, e que sou teu emfim !
Oh ! deixa-me ficar ! oh ! tem pena de mim ! »
Dar-me-hias certamente, anciosa e commovida,
N'uma única palavra um século de vida ;
E eu gosaria, extinta a dúvida voraz,
O que ha tanto procuro e não encontro : a paz !
E poderia então repousar sem receio
No abrigo virginal e casto do teu seio...

.....
Mas ah ! que em vão estendo os braços para além !
Cruel é o tempo, e leis inexoraveis tem
A natureza, unida á iniquidade humana !
Aquieta-te, socega, aspiração insana !
Para que sustentar chimeras ? para que ?...
Eu choro, e ella o meu pranto angustiado não vê ;
Gemo, e ella não me escuta os cruciantes gemidos ;
Longe dos olhos seus, longe dos seus ouvidos,
Longe da protecção feliz do seu amor,
Eu podia morrer aqui de tédio e dor,
Morrer, sem que ella viesse, alma bondosa e pia,
Suavisar n'um beijo — um só ! — minha agonia...

1894.

SEMPER VINCTUS

Mais de uma vez, em justa raiva accêso,
Por seus caprichos maos que nada eguala,
Jurei a eterno olvido condemnal-a,
E reduzil-a ao último desprezo.

Mas, inda e sempre aos seus carinhos prêso,
Meu debil coração tão alto falla,
Que do orgulho os protestos avassalla,
E o meu amor lhe restitue illêso.

Lucto de balde... Renunciar não ousou
— Bem que a memoria das offensas guarde —
De vel-a, de adoral-a ao summo goso.

— Para deixar de ser escravo é tarde !
Respondo, envergonhado mas ditoso,
Á consciencia que me diz : Covarde !

Quis!

INVARIÁVEL

Não digas que uma extranha e imprevista mudança,
Notas em meu olhar; que, manso e amigo outr'ora,
Hoje lampejos de ira e de revolta lança,
E em chammas de rancor infernal te devora.

Não; elle é sempre igual — terno e devoto — embora
Não tenha a luz da fé, nem o ardor da esperança;
Sem crer no teu amor, o teu amor implora,
E de acariciar-te as formas não se cansa...

Quando de ti me vier a morte, quando um dia
Com tuas proprias mãos me abafares na bocca
O suspiro final d'esta lenta agonia,

Inda no mesmo olhar de submisso respeito
Verás — rindo talvez! — alma leviana e louca,
O supremo perdão do mal que me tens feito...

IN FLORIBUS ANGUIS

Um dia — quando eu tinha paz ainda —
Alguem, que o teu prestigio deslumbrara,
Disse-me: queres tu ver a mais linda
Das mulheres, a mais perfeita e rara,

A que sem custo na irial cadeia
Do seu olhar, na sua loura trança,
Da sua voz na complicada teia,
Te algemaria como uma criança?

Ao ouvil-o, subtil presentimento
— Como não recordal-o a vida inteira? —
Pungiu-me, e d'este múltiplo tormento
Tive a noção exacta e verdadeira;

E respondi-lhe: — Para que? Si é tanto
Assim, si ella é tão forte e é tão formosa,
Devo fugir ao suggestivo encanto
D'essa visão radiante e perigosa;

Não quero a uma paixão irreflectida
Immolar minha plácida ventura;
Pois ha mulheres que a tranquilla vida
Nos turbam, como um sonho de loucura.

Ellas são as maléficas estrellas,
Que sobre nós a tempestade chamam;
Desditoso o que almeja conhecê-las!
Homem infortunado o que ellas amam! —

Mas o perverso tanto instou commigo,
Que, do sermão perdida a austeridade,
Segui sem hesitar o tredo amigo,
Cedendo a uma infernal curiosidade.

Viste-me; e todo o empenho em seduzir-me
Puzeste, por vaidade ou sympathia...
(E minha alma de certo não é firme
Como o granito, ou como o gelo fria...)

Tudo ciladas, tudo! O desdenhoso
Gesto, a irónica falla, o porte altivo,
O labio rubro, onde, a fremir de goso,
Tentando-me, vagava um beijo esquivo...

Venceste — e era facilima a victoria —
Quem ousaria entrar contigo em lucta?
Amei e fui amado... Acerba gloria!
Quanta agonia meus laureis enlucta!

A voz do ceo me preveniu bem cedo,
E só de mim posso queixar-me agora;
Que bem, ás vezes, aconselha o medo!...
— Ria-se, tem razão, minha senhora...

1892.

CONTRADICÇÃO

Já não te amo porfim, mulher ingrata!
Traidora como o fructo prohibido,
Como a flor cujo aroma appetecido
Os que a respiram envenena e mata!

Não te amo; que me importa que, sorrindo,
Tu me estejas a ouvir indifferente?
Em me livrar de ti, anjo-serpente,
Sinto da redempção o goso infindo!

Não te amo. O amor nasceu, viveu um dia,
Dia maldicto!... E emquanto assim eu clamo,
Meu coração, que soffre e se angustia,
Pulsa febril, e diz á ingrata: Eu te amo!

BONECA

Emquanto afagas, innocentemente,
Essa fina boneca de biscuit,
Perfeita a ponto de illudir a gente,
Parecendo que falla, olha e sorri,

Tristes recordações do meu passado
Vêm penetrar-me de tristeza e horror,
Por que um lindo semblante, outr'ora amado,
Tinha o mesmo feitio e a mesma cor,

Que o da tua boneca. Nem te espantes
De coincidência tal. Por minha fé!
Parecerem-se moças elegantes
Com bonecas gentis, raro não é.

Uma d'essas profunda^s chaga^s, que inda
Sangra, me abriu no seio, com subtil
Maldade encantadora, com infinda
Graça... e com a traição mais negra e vil;

Alma vivaz e artística julguei-a,
Creada para os êxtasis do amor,
Tendo por voz — cânticos de sereia!
Tendo por sangue — um fogo abrasador!

Ridícula chimera! Vi que a estatua
Da morte fôra menos fria e van,
Menos nulla das campas a luz fatua,
Que se apaga aos alvôres da manhan;

Vi que o seu olhar meigo era automático,
Como o olhar de dois globos de crystal;
Que o seu sorriso duviloso e errático
Era dos labios contracção banal;

Vi que o seu corpo esbelto não sentia
A dor, o gozo, uma emoção qualquer,
Que em seu pobre organismo não havia
Um só dos mil sentidos da mulher;

Que na prisão do peito empedernido
Nem siquer lhe pulsava o coração,
Inerte qual cadaver constringido
Entre as taboas estreitas do caixão;

Que essa forma radiosa, que eu cuidava
A summa dos encantos celestiaes,
— Tomada a serio, amiga, não passava
De uma linda boneca, e nada mais!

S. Paulo, 1891.

SONETO CRUEL

Sei que esses versos, que te fiz outr'ora,
Ainda os guardas, zelosa, no teu seio,
Ainda ao relel-os, em medroso enleio,
Sentes um frêmito, e teu rosto cora.

Sei que, entregue á obsessão que te devora,
Com o pensamento de anciedades cheio,
Na solidão evocas sem receio
O poeta ausente que tua alma adora.

Sei que á noite, entre as dobras do teu leito,
Beijas, rindo e chorando, o meu retrato,
Unindo-o a ti num longo abraço estreito.

Sei que, louca de ciume como Dido,
Num desespero acerbo e dolorido,
Chamas-me soluçando: Ingrato! ingrato!

1891.

MÁSCARA DE HONRA

Quanto soffro e soffri, bella inimiga,
Não no saberás nunca neste mundo;
Que dor meu livre genio vagabundo
A confissões ridiculas obriga?

Em veos de sombra e de mudez se abriga
Minha alma, quando o lucto é mais profundo,
Fugindo o pranto inutil e infecundo,
Mantendo a estoica dignidade antiga.

Jamais conhecerás meus negros dias,
Minhas noites de insomnias, em que alerta
Eu conto as horas pelas agonias.

Tu propria — amavel! — na ferida aberta
Vertes peçonha em vão, e em vão me espias;
Não me has-de ver chorando — fica certa!

1893.

SONETO NEGRO

Ha muito já que o coração padece,
Mudo contendo o opprobrio que o devora;
Neste abandono, que o ánimo apavora,
Como um phantasma o desespero cresce.

Esfria o sangue; o genio desfallece,
E, como ave cansada antes da aurora,
Do céu, que livre percorreu outr'ora,
De azas quebradas, sem alento, desce.

Que valeu caminhar e soffrer tanto?
Sem ter um echo, sem deixar memoria,
Commigo, e breve, morrerá meu canto!

Eis de uma curta vida a amarga historia;
Compreheidei-o vós, que sabeis quanto
É triste a decadencia antes da gloria!

OBLIVION

Esquecer! esquecer!... que mais procura
Minha alma toda, alem do esquecimento?
Hoje, a memoria é o mais cruel tormento,
O olvido a extrema, a única ventura!

Para um mal que eu bem sei que não tem cura,
Não mais remedios illusorios tento;
Deixae-me os labios applicar, sedento,
À taça negra — ao philtro da loucura!

Ah! que eu viva, esquecendo a cada instante
O instante que passou; viva, embalado
No manso Lethes, entre ceo e inferno;

Até que venha o dia em que se plante,
Na sombra do meu túmulo ignorado,
A eterna cruz do esquecimento eterno!

À MORTE

Morte, ó Morte, quando eu quero o teu frio beijo,
Nas horas em que a sombra envolve o espaço mudo;
Quando, como um vencido — armas rôtas, escudo
Em pedaços — te invoco, e de bruços arquejo;

Os destinos de Alem não péso e não estudo,
Nem, da campa atravez, ceos de gloria entrevejo;
A bem pouco reduzo o meu maior desejo:
Só te peço descanso e liberdade. Eis tudo.

Certo, creio na vida eterna; porém ella
Mais longe está de mim n'esta angustia profunda,
Que do náufrago exaustos uma remota vela.

Tedio, nojo é meu mal; ser feliz é sómente
Morrer, sahir emfim d'esta possilga immunda...
Para Deus? para o Nada? Embora! é indifferente...

1894.

MUSA DO TEDIO

(A AUGUSTO TEIXEIRA)

Dia trevoso, dia negro,
Dia sem fim!
Já no trabalho não me alegre;
Vence-me o spleen!

A chuva rufa na vidraça,
Toldando o ar,
N'um veo de bruma o vento passa,
Ríspido, a uivar.

Que frio agudo e penetrante!
No ceo sem luz
Com os olhos sigo o vôo errante
Dos urubús.

Calma de morte, inerte calma
 Prende-me aqui ;
Não sei ao certo si minha alma
 Chora ou sorri...

Sem pensamento, immovel, mudo,
 Meu ser deixei ;
Tudo desdenho, ignoro tudo,
 De nada sei !

Cansado, inutilmente digo
 Ao coração :
— Sente ! palpita ! canta, amigo,
 Uma canção ;

Essa canção gentil de outr'ora,
 Gárrula e san,
Em que eu chamava, rindo, a aurora
 De minha irman ! —

O coração só me responde :
 — Não sou feliz !
E, em seu pezar, de mim se esconde,
 Nada mais diz !

Triste fiel, doudo poeta,
 Teus ideaes
Na antiga sombra erma e discreta
 Não vivem mais !

Agora soam-me aos ouvidos
 Os versos meus,
Lentos, chorosos, malferidos,
 Como um adeus ;

O acerbo adeus que uma criança
 Deixa, ao partir,
Quando não tem mais esperança
 De o repetir !

Nas brancas folhas de velino,
 D'onde se esvahe
Tépido aroma, raro e fino,
 Que inspira e attrahe,

Não fixarei com aurea penna
 (Celeste dom !)
Um goso, uma illusão serena,
 Um sonho bom ?

Eu fugi sempre, como artista,
Gostos communs;
Ante essa audacia nunca vista,
Dizem-me alguns:

— Deixa-te d'esse enlevo extático
Que pouco dá!
Vem entre nós ser homem práctico;
É tempo já! —

Sei que a melhor philosophia,
Para viver,
É a do socego, a da alegria,
A do prazer!

O que o destino nos consente,
Eis, afinal:
Breve prazer — prazer sómente
Material!

Quem julga a vida, d'este modo,
Um lago azul?
Nem uma pérola ha no lodo
D'este paúl...

Mas, porventura, tão mesquinho
Tu me suppões,
Que afogue em Venus ou no vinho
Minhas paixões?

Viso mais alto; outras delicias
Tentam-me; e, pois,
Vinde, do Amor santas caricias!
Que meigas sois!

Sim, que de certo a medicina
Droga não tem,
Que se compare a esta divina
Fonte do bem!

Amor! ó nectar que embriagas,
Favo de mel!
Luz que fascinas... e te apagas,
Amor cruel!

É doce e amargo o teu encanto;
O beijo em flor
Nasce orvalhado pelo pranto...
Amor! Amor!

Teu germen sinto, mas me calo;
— Custa, bem vês —
Nem ousa ao menos confessal-o,
Por timidez!...

Tal, sem acção, sempre indeciso,
No inferno ando eu;
E, si eu quizesse, o paraíso
Seria meu!

Hei de acceitar sem um protesto
Tão dura lei?
Este lethargo meu funesto
Não vencerei?

Vencer? Não sei. Si nem — covarde! —
Sei resistir!
Chego a pensar que é mesmo tarde
Para fugir...

E sem pudor, eu, moço e forte,
Em pleno abril,
Ponho-me a namorar a morte,
De um modo vil!

Por hoje, emfim, meu goso summo
(Tende-me dó!)
É envenenar-me pelo fumo,
Sombrio e só,

Como um sectario aborrecido
De Mahomet
O somno busca — somno e olvido —
No narghilé.

Nas espiraes de tom cinzento,
Leves, subtis,
Dansam, com vario movimento,
Virgens e huris,

Camenas, Graças, Amazonas,
Deusas pagans,
Fadas, alméas, ricas-donas,
E castellans...

E essas imagens, volteando
Em torno a mim,
Aos poucos vão narcotizando
Meu torvo spleen...

PÓSTHUMA

Eu vos direi : Não foi a mão de um vivo,
Que traçou este escripto fugitivo.

Minha alma abandonou
O envólucro terreno, obscuro e estreito,
De enfermidade e angustia odioso leito,
E no seio de Deus se refugiou.
Eis, ora, o que de mim resta no mundo :
Um corpo que sem vida se consome,
Ermo túmulo fundo,
E um simples epitaphio, que é meu nome.

RESURREIÇÃO

Has de crer que nesta idade
Já tenho velhas memorias ?
Tanto é rica a mocidade
De promessas illusorias !
Agora que sou feliz,
Trovas plangentes releio,
Que em sombrio devaneio
Nos dias de antanho fiz.
Parecem-me tão antigas !
São como bellas cantigas,
Que já passaram de moda !
O carro dos tempos roda
Por valles, campos e montes ;
Nem uma hora se detem
Na vertiginosa viagem,
Levando-nos sempre alem ;
E mudam os horisontes,
E se transforma a paizagem.

Idéas, imagens, sonhos,
Encantamentos risonhos,
E meditações austeras,
Que em minha mente nutri,
Como andam longe d'aqui !
Dir-se-hia que em outras eras
Remotas eu existi...
Hoje nem siquer conheço
Bens a que tanto aspirei,
Cousas que julguei sem preço,
Dignas da ambição de um rei...
Nomes em que eu concentrara
Minhas emoções supremas,
Como estão desaprendidos !
Versos de uma ardencia rara,
Extenuantes poemas,
Em pura chamma fundidos,
Deixam-me hoje indifferente.
O espirito apenas sente
Assombro de os ter creado...
E eu, escrutando o passado,
Pergunto-me ingenuamente :
Quem foi que m'os inspirou ?

Bem outro, do que era, estou !

—Mas por que tanta mudança ?
Indagas, sorrindo emfim,
Com simulada esquivança.

— Tu sabes, tu sabes sim !
Sabes que desde esse dia,
Em que encontrei teu olhar,
Quiz esquecer e acabar
O mal que me consumia.
Tudo — enganosa alegria,
Feita de incuria e illusão,
Affecto de phantasia,
Que não chega ao coração,
Febre longa, breve calma,
Sêde de impuro prazer...
Tudo foi-se. E eu á minha alma
Disse: Começa a viver !

Dos meteoros errantes,
Que em lentas noites de inverno
Brilhavam só por instantes,
É extinto o fatuo fulgor ;
Brilha, em pleno ceo, o eterno
Sol do verdadeiro Amor !

Paris, 1897.



O ESCUDO

(A LEOPOLDO DE FREITAS)

Era aquelle um escudo heráldico e vetusto,
Ha séculos pendente alli, da alva parede ;
Envolvia-o subtil e complicada rede
De malhas d'ouro. Sol de gloria, um nome augusto

Sobre elle seus clarões sagrados reflectia ;
Dedicava-lhe o povo ardente e cioso culto ;
De mão desrespeitosa o mais pequeno insulto
Na alma da multidão a cólera atearia.

Possuira-o, noutro tempo, um lidador sem tacha,
Um cruzado, um heroe, que fôra á Palestina,
Do Christo defender a mortalha divina
Contra o cego furor da turba infiel e baixa.

Tornando, de leaes cicatrizes coberto,
No amplo muro o depoz, como por voto. Quando
Sentiu propinqua a morte, o quiz rever, e, orando,
Expirou, fito nelle o olhar nublado e incerto.

Creou-se, desde então, uma extranha legenda:
Affirmam que ninguem, por mais destro e robusto,
Tenta erguer esse escudo heráldico e vetusto,
Sem que ao seu pêso tombe, e vencido se renda.

Muita vez o provou, em vão, mais de um athleta,
Dando a tensão do ferro ao musculoso braço;
Logo o vergou, porém, fatídico cansaço,
E o povo escarneceu sua audacia indiscreta.

Assim és tu, ó Bello, ó Forma, ó brazão da Arte!
Quem ousa, nosso extremo ideal, sonhar contigo?
Cumpre ter força e fé, como um heroe antigo,
Para te merecer e para conquistar-te!

Quantos têm a ambição, nobre mas temeraria,
De inscrever nesse escudo aureo e eterno o seu nome,
E, victimas porfim, da insanía que os consome,
Deixam-no inscripto só na pedra funeraria!

E, na hora derradeira, o artista — qual um monge,^o
Que, após vida de santo, inda temesse o inferno —
O que creou pondera, e, num desdem superno,
Exclama: Ó perfeição ideada, estavas longe! ▽

Mas, quando mesmo eu caia, ignorado do vulgo,
Sob o meu proprio esforço inutil succumbindo,
Morrerei orgulhoso em teu prol, e, cahindo,
Direi: Como te adoro, e que feliz me julgo!

LAMARTINE

Laura, Elvira, Lucy, Graziella e Regina,
Mulheres immortaes de alma ardente e completa,
Vinde cercar o vulto augusto do Poeta,
E de estrellas cingir-lhe a fronte alta e divina.

Onde jamais vibrou como na peregrina
Voz d'essa lyra casta e de Deus predilecta,
Toda a sêde de amor e ideal que nos inquieta,
Toda a mística luz do *Alem* que nos fascina?

Genio livre, no ceo da sua gloria immensa,
Ou das revoluções na tenebrosa orgia,
Vive como um heroe, e como um sabio pensa.

Modelo eterno, eterno amigo, eterno guia
Dos que soffrem, guardando immaculada a crença,
És tu mais que poeta, és a mesma Poesia!

1892.

A CAVEIRA/

(A EZEQUIEL RAMOS JUNIOR)

I

Entre papeis e livros em desordem,
Tenho na minha mesa uma caveira,
Que, no rir da ironia derradeira,
Mostra dentes, que, em summa, já não mordem...

Comprei-a a um judeu velho, que, em discretos
Armarios, guarda, numa loja escura,
Cousas que pouca gente hoje procura:
Bronzes, paineis, ossadas e amuletos...

Não sei que idéas negras ella inspira
A quem entra um instante nesta sala;
Dizem-me que uma joven, de miral-a,
Cinco noites a fio não dormira.

11

II

Talvez, um genio tumultuara, nesse
Craneo polido e nú, bronco e vasio
— Um genio, cujo augusto poderio
Idéas, cultos, povos revolvesse...

Talvez, nelle fulgira, em breve encanto,
O olhar de uma mulher, que centos d'almas
Levou á perdição — e talvez, calmas
Se alaram d'elle as orações de um santo...

Tudo a Morte apagou, e isso me basta...
Despojo esteril! nem te resta um nome...
Tambem elle foi dado á insana fome,
Que para a mesma guela tudo arrasta.

III

Assim — confunda embora o orgulho humano
Tal visagem, de aspecto duro e feio —
Guardo-a ante mim, por que em seus traços leio
A elegia do eterno desengano.

Quando burilo estrophes predilectas,
Creando aspirações de gloria rara,
Ella me diz, fatídica: Repara
Onde é que findam sonhos de poetas...

CONDESSA ELOA

(A LUCIO DE MENDONÇA)

Castellan moça e bella — ah! que destino atroz
A impellira ao limiar dos processos occultos?
Ella entrara do inferno os antros, onde insultos
Contra Deus Satan ruge, em tonitroante voz...

No solar avoengo, ora com o diabo a sós,
Se entregava á magia; ora, entre negros vultos,
Entre monstros feraes e corpos insepultos,
Nua dansava, entoando os macabros rondós...

Passava a noite a errar pela floresta brava;
E o povo, com terror e pena, segredava:
«Vendeu a alma ao demonio a joven castellan!»

E á luz tibia do luar — caso que a mente assombra —
De perto a ia seguindo, em vez da propria sombra,
A sombra temerosa e negra de Satan...

1893.

DUAS IMPRESSÕES

I

Uma vez, num baile, a vi;
Sem dúvida era a mais bella;
Qual das que estavam alli
Dansava tão bem como ella?

Tinha razão certamente
No seu sorrir triumphal,
De quem *única* se sente,
E não conhece rival.

E ao vel-a passar assim,
Requestada e gloriosa,
Eu disse, dentro de mim:
— Como te admiro! és formosa!

II

Outra vez, mais tarde, a vi
Junto ao leito de um enfermo;
Velara sósinha alli,
Noites e noites sem termo.

Ah! quanta virtude, quanta,
Nessa mortal pallidez!
Nesse triste olhar de santa,
Que a alma em prantos me desfez!

O que então senti, não sei...
(Inda a emoção me domina)
Mas, de joelhos, exclamei:
— Como te adoro! és divina!

POETISA

(A D. ZALINA ROLIM)

Longe de ti as cerrações sombrias,
O tedioso vagar das longas horas,
Por que dos sonhos no paiz tu moras,
No paiz das aladas phantasias;

Por que em teu coração ha melodias,
Continuo gorgear de aves canoras,
E um esplendor de perennaes auroras,
Tranquillo e santo, te illumina os dias!

Deves ser bem ditosa, na doçura
Da Arte, entre as emoções do Sentimento,
E a grega Forma, acrysolada e pura!

Plena paz! calmo estudo! nobre intento!
Do bem, do bello á mais remota altura
Se ergue assim o teu rútilo talento!

DESILLUDIDO

(A CESAR BIERREMBACH)

Chegara o sabio da existencia ao termo.

Sentindo o espesso gelo
Da morte, em suas veias circulando,
E os membros lassos do seu corpo enfermo
Pouco a pouco invadindo, convertel-o
Em cadaver inerte e miserando,

Com olhar tardo, e triste,
Caros objectos, que por toda a parte
O rodeiam, revê: são obras d'arte,
Livros, paineis, lembranças de outras eras,
Em que o melhor do seu haver consiste.
Depois, travando a derradeira lucha
Com a sua alma, em reflexões austeras
O passado perscruta.

Pensa: Lustraram amplo estadio, anciosos,
Meus passos. Horisontes
Imprevistos abri, no vôo largo
De minha mente; não sonhados gosos
Provei... E o nectar d'essas doces fontes
Poz-me nos labios um sabor amargo!

Eu penetrei a essencia
Das cousas; tudo quiz saber; diante
A dôr mais negra, o abysmo mais hiante
Não recuei. E quando o acerbo, duro,
Lento curso perfiz da experiencia,
Ao invéz do alchimista — pobre doudo! —
Vi, entre minhas mãos, o ouro mais puro
Tornar-se pedra, e lodo...

Era joven; amei. Consta que amado
Fui tambem algum dia.
Tempo dos deliciosos juramentos,
Como vaes longe! e longe o teu reinado,
Chimera da vibrante phantasia,
Feita de ciume e de osculos sedentos!

Oh! esse amor supremo,
Immaculado encanto peregrino,
Celeste aspiração, sonho divino,
Bem vil o achei... Da poetica belleza

Despido, era, porfim — dizendo-o tremo —
Um delirio carnal, bem cedo extinto,
De raiva atroz, eternamente accêsa
Bruto e ferino instinto !

Desesperado então, refugiei-me
Na sciencia, calma e honesta.
Aqui não ha — disse eu — traidora chamma,
Que ao sentimento esquivo as azas queime.
Eis o almejado asylo que me resta ;
Eis o nome da gloria que me chama !

Dias de faina rûde,
Noites de febre, noites de vigilia,
Num frio lar, sem culto e sem familia!
Quantos problemas estudei, confiante
Do meu labor perenne na virtude!
Que sei, em summa? Visionario louco!
Ante o universo, o teu saber tateante
É tão pouco! É tão pouco!

Tudo é nada. A esta fórmula sublime
Cheguei. Tanto o desejo,
Como a esperança, nada podem. Brade
Embora o mundo, que a mentira opprime,
Entre as verdades futeis, que sem pejo
Ensinei, esta é a unica Verdade!...

ENFERMO

(A JOAQUIM DE ARAUJO)

Que estou enfermo, dizem. Já com medo
Me suffocam no leito, entre flanellas;
Fecham as portas, fecham as janellas,
Sepultam-me num cofre de segredo.

Para enterrar-me vivo é muito cedo!
Pois que mal faz nestas manhans tão bellas,
Em que as flores nos chamam, ir colhel-as
Á sombra fresca e amiga do arvoredado?

Meu mal é só esta prisão sombria,
Onde a morte nas trevas se pressente;
Deixem-me o ar puro, vasto, e a luz do dia!

Por que, si o corpo é fragil e doente,
A alma robusta, impávida e sadia,
Quer fartar-se de vida livremente!

BALLADAS NOSTÁLGICAS

I

SAUDADE

Este jardim, ha días, era
Ninho de idylios matinaes...
Inda hontem ella aqui viera,
E agora não a vejo mais!
Alli, no muro verde de hera,
Pousa a andorinha, e vôa além;
Mas a andorinha em vão a espera,
Em vão a chama. Ella não vem.

Ó primavera! ó primavera,
Que abres em flor pelos rosaes!
Aves gazis, que a selva gera,
Que o gozo em hymnos celebraes!
Quem, inda ha pouco, vos dissera
Este abandono, a vós tambem?
Lêde-o na minha face austera,
Pois eu bem sei que ella não vem!

Morada rústica e severa,
Que ora em ruinas negras cahes!
És como a lúcida chimera,
De que hoje faço os funeraes!
Has-de ir tombando de era em era,
Sem que te habite mais ninguem;
Tal, dentro em mim, o luto impera,
Por que eu a chamo, e ella não vem!

A immensa dôr que me lacera,
Comprehendi-a vós que amaes!
Inda hontem ella aqui viera,
E agora não a vejo mais!

II

CIUME

Certo, ao partir, ella, chorando,
Olhos nos meus, fallou-me assim:
— Porque te affige o ciume? Oh! quando
Menti jamais?... confia em mim! —
E, desde então, na alma vibrando
— Música, aroma, luz, calor —
Vai minhas maguas consolano
A voz fiel do seu amor!

Mas ai! em noites más eu ando
De pena em pena a errar; o spleen,
Meu coração envenenando,
Faz-me descer do abysmo ao fim!
E eu rindo, rindo e blasphemando,
Tal como um réprobo em furor,
Maldigo — eu louco, eu miserando! —
A voz fiel do seu amor!

Penso: — A outro está, talvez, jurando
O que lhe ouvi — juras, emfim... —
Naquella tarde, vagueando
Por entre as frondes do jardim.
Mas vejo os olhos seus, brilhando
Cheios de queixas e de dor;
Tremo, envergonho-me, escutando
A voz fiel do seu amor!

E a meiga voz vai murmurando
(Eu creio agora, eu creio, sim!):
— Por que te afflige o ciume? Oh! quando
Menti jamais? confia em mim... —

III

ESPERANÇA

Que cantilená alegre e mansa
Esta manhã me vem trazer!
— Tanto soffreste já... descansa,
Que breve a tornarás a ver! —
Eis o que eu ouço; o que a romança
Ignota, mysteriosa, diz;
E o meu espirito se lança
— Nas conjecturas mais subtis...

Quem canta assim?... — Como criança,
Que errando á noite, sem saber
Crêa visões, e a medo avança, —
Fico a pensar, fico a tremer.
Será diabólica vingança,
Que escarnecer meus males quiz,
E torturar-me intenta e alcança,
Com torpes sátyras hostis?

Quem canta assim?... Tu, Esperança?
Tu, mensageira do prazer?
Minha alma se abre á confiança;
Respiro alfin; quero viver!
Mas é possível a bonança?
O goso? a paz? Vou ser feliz?
Vou ver-lhe o rosto, a negra trança,
O talhe fino?... E tu sorris...

E inda repetes, Esperança,
Ó mensageira do prazer:
— Tanto soffreste já... descansa;
Que breve a tornarás a ver! —

BOHEMIA

(A FILINTO DE ALMEIDA)

Meia noite. Nas ruas da cidade,
Nenhuns passos acordam o echo mudo;
Do luar de junho á fria claridade,
Na paz e no silencio dorme tudo.

Só rebôa confusa vozeria,
Lá fóra, no afamado botequim,
Onde o aroma dos vinhos inebria
As pállidas camelias do jardim.

Ao tinir dos crystaes, que se entrechocam,
Nas largas discussões acaloradas,
Mil paradoxos rútilos provocam
O homérico fragor das gargalhadas.

Dormem alguns, aqui, alli dispersos,
Que o somno em vão tentaram dominar;
Um poeta declama heroicos versos,
Narrando uma tragedia em pleno mar.

São, de certo, estudantes, que, deixando
A sciencia, que a flôr da vida estiola,
Ousam fugir assim, de quando em quando
À insipidez monótona da escola.

O da tragedia (concluindo):

.
Da horrenda scena os últimos gemidos,
Espalhara-os o vento de onda em onda;
E aquelles vinte corpos submergidos
Guardam comsigo o lúgubre mysterio
No oceano — illimitado cemiterio,
Que o humano olhar não sonda!

*(Palmas. Bravos enthusiasticos e bravos distrahidos. Alguns
bocejam, outros roncam.)*

Mas porfim chega a fatigar a gente
Tamanho transbordar de phantasia.
E os espíritos, indo docemente

Aos velhos themas da philosophia,
Mostram — signal de embriaguez nascente —
Uns leves toques de melancholia...

Um estudante:

Por que vagar sem destino,
Pela terra e pelo ceo,
Em busca de um bem divino,
Que inda ninguem conheceu?

Tu — cuidas com o grave estudo
Paralysar fundas penas;
E, ancioso por saber tudo,
Nos livros a alma envenenas ..

Quando é que os livros souberam
O enigma do coração?...
Doudos, que d'elles esperam
O olvido que elles não dão!...

Tu — só pensas em amores...
Dize, pois: que te parece
D'esses beijos impostores,
Em que teu sangue se aquece?

Acreditas, porventura,
Que ella inda te adora, emfim,
Quando te jura o que jura,
Com a mesma voz doce, a mim?

E vaes no seio da bella
A fronte pousar confiado!...
Qual és tu mais diante d'ella:
Ridículo ou desgraçado?

Dar-te-hão amor as mulheres
— Dalilas profissionaes —
Quando sol á noite deres,
Ou pena aos tigres reaes.

Não vejo a felicidade,
Sonho de antigos poetas,
Nem do saber na vaidade,
Nem nas paixões indiscretas...

Ai! a vida é um desencanto...
Mas para a dor de viver,
O copo é remedio santo!
Rapazes, eia, a beber!

Outro estudante:

Deixae fallar grotescamente
O torpe schoppenaueriano;
Que, si em idéas taes não mente,
É mais que louco, é deshumano.

Ferve-lhe um odio atroz no peito
Contra a mulher... mas eu duvido
Que seja mais do que despeito
De algum amor mal succedido.

Deixae fallar... que fôra a terra,
Sinão covil de feras brutas,
Onde o furor da eterna guerra
Se accenderia em novas luctas,

Sem esses anjos compassivos,
Que, sós, têm a arte e o gosto ancioso
De em nós, argilla tosca, vivos
Mananciaes abrir de goso?

Emquanto bebo, e a chamma clara
Do alcool o cérebro me inunda,
Dando-me a sensação mais rara,
Mais requintada e mais profunda;

Não cuideis, certo, ó meus amigos!
Que — entorpecido o pensamento —
Meus caros ídolos antigos
Eu deixe assim no esquecimento.

Zeloso guardo os meus affectos,
Como o seu ouro guarda um rico;
Prendei-me vós, braços dilectos,
E eternamente prêso eu fico!...

Não ha mais célebre victoria,
Que domar todas as mulheres...
Homem! terás tanto mais gloria,
Quanto mais vítimas fizeres!

Nunca vos fujo, ó lindas fadas,
Lauras e Eleonoras tristes,
Que as quentes boccas aromadas
À minha bocca um dia unistes!

Ardendo em sonhos e desperto,
Ardendo em múltiplo desejo,
As vossas finas mãos aperto,
As vossas faces brancas beijo!

Um poeta:

Fallas em tantas — tu, irónico e feliz
Don Juan! do teu fervor todas se compadecem!
Por ti só, pelos teus amplexos varónis,
O pudor, o dever, a lei, o tempo esquecem!

E tu, cýnico, a rir, o teu feroz desprezo
Lhes atiras ao rosto... Eu é que não sei rir!
Por que gemo na angustia, e já succumbo, ao pêso
De um amor que não tem presente nem porvir!

Uma só — a mais bella e a mais impia!... E definha
Todo o meu ser por ti, cruel! cruel! cruel!
Eis, jungido ao teu solio, este escravo, Rainha!
Eis, prostrado a teus pés, este escravo fiel!

Um pensador:

Companheiros, cuidado! O nectar é divino,
Mas perigoso; a luz do vinho crystalino
Afugenta a luz da razão!

Um byroniano :

A razão só nos mostra infortunio e amargura ;
Quando o envolve e o regela a treva da loucura,
É mais ditoso o coração !

O mundo para mim é ruina sem termo !
Sómente da embriaguez no exaltamento enfermo,
Que me infunde o orgulho de um rei,
Sinto ainda renascer os arroubos de outr'ora,
As chimeras vitaes da juvenil aurora,
Illusões que um dia adorei !

Um optimista :

Em pedrarias rútilas
Scintilla
Este licôr mirífico ;
Tranquilla

Nos hortos Flora expande-se
Em mórbidos perfumes ;
Nas taças brincam, trémulos,
Do gaz os vivos lumes !

Rubis, topasios líquidos
Ressumbram
Nellas; e os olhos ávidos
Deslumbram.

Da nossa orgia espléndida,
Lamentações sombrias
Desterrem-se; e nos ánimos
As santas alegrias

Vão desferindo cánticos
Suaves,
Como os gorgeios módulos
Das aves.

Risos á farta; lágrimas,
Só as do olente vinho,
Tão brandas como aljófares
De orvalho em brando ninho!

Nocturnos sylphos, sýlphides
Em bando,
Voem, com azas lépidas,
Bailando

Em torno a nós ; e frémitos
Sonoros nos agitem ;
E anceios leves, rápidos,
Nossa vontade excitem !

Que a magua, sombra ephémera,
Se esqueça ;
E a vida em longos júbilos
Floresça !

Não ha maior philósopho,
Que Horacio ou Epicuro...
Ou eu, que de infructíferos
Pezares vis não curo !

Cerrem-me os labios ósculos
Supremos !
Emquanto é longe o túmulo,
Gosemos !

.
As vozes, de cansadas, pouco a pouco,
Rareiam ; pende a alguns em abandono
A lassa fronte ; e um murmurio rouco
Em quasi todos trahe profundo somno.

Jazem, lá pelas mêsas, em desordem,
Copos vasios ; um vapor subtil
Erra no ar ; seus effluvios acres mordem
As camelias de tez primaveril.

Esta é a hora, em que tépido sudario
De inconsciencia absoluta envolve as mentes ;
Como que até morrem no campanario
Os ais do sino, vagos e plangentes.

A lua — do celeste mar sereia,
Que as espheras erráticas conduz,
Na romagem nocturna — cambaleia,
Ebria de immensidade, ebria de luz !

E, em leitos de diamante resplendendo,
As estrellas de trémulos fulgores,
Cada vez mais embriagam-se, bebendo
A ambrosia narcótica das flores !

S. Paulo, 22. VII. 91.

AO CREPÚSCULO

Quando se extingue o sol e a tarde fria
Desce envolta em mortiça claridade,
Mais pungente me anceia a soledade,
E a tristeza me enlucta mais sombria.

Na treva muda que o universo invade,
Desmaia a minha ephêmera alegria;
De minha alma também some-se o dia,
Vem a noite, as angustias, e a saudade.

Lembro o tempo feliz, que, socegado,
Vivi sem ambições; minha alma sente
Quanto, do que já fui, estou mudado.

E, entre lagrimas, vejo então, sómente
Mais lúgubre o presente, que o passado,
Mais lúgubre o futuro, que o presente!

1890.

RISOS MACABROS

(A ARARIPE JUNIOR)

Pela mudez da noite lenta,
No ermo hybernal para onde vim,
Uma allucinação violenta,
Súbito pesa sobre mim...

Na treva, claramente escuto
Risos, uns risos infernaes;
A treva, pávido, perscruto
— E os risos crescem mais e mais...

Em vão, com mal fingida calma,
Num tom ligeiro de desdem,
Exclamo: Aquieta-te, minh'alma!
É uma illusão. Não ha ninguem...

Os risos crescem pouco a pouco,
No seu frenético fu
Risos crueis, risos de aco,
Que o sangue gelam a favor...

Uns soam longe, outros de perto,
Vem-me aos ouvidos cachinar;
Tudo, em torno, está deserto;
E a treva enluta o meu olhar.

Risos mais lúgubres que o grito
Da mais horrivel afflicção,
Risos de trasgo ou de precito,
Que me cortaes o coração!

Mais tristes que de ave nocturna
O adejo lúbrico e subtil;
Mais impios que a canção soturna
De uma agourenta bruxa vil;

Risos de espirito perverso,
Risos como jamais ouvi!
Quanto ha de infame no universo,
Em vós sinistramente ri!

Na vossa irreverencia fria
Descubro a voz de Satanaz...
Cessae! já basta de agonia!
Cessae, por fim! Deixae-me em paz!

Que a propria morte, aqui passando,
Menos terror causar-me vem,
Do que taes risos, cachinando
Na treva, *onde não ha ninguem!*

19. VII. 94.

O CÃO

Eu vi um pobre cão, estrebuxando, em frente
Á sala do festim. Que humilhante ironia
Nos sons da grande orchestra, agitando a agonia
Do mísero animal! — Emtanto, alegremente,

Pela rua passava a turba indifferente
Que o prazer enlouquece, e a opulencia extasia;
Mas que, bruta de goso, a alheia dor não sente,
E taes scenas contempla entorpecida e fria.

Um pára, e olha sem ver; outro, á musica attento,
Nem olha; e, exhausto, o cão cede ao veneno lento
A vida que se esvahe de gemido em gemido.

E eis um bello padrão da alta justiça humana,
Que aniquila sem dó, cega, proterva, insana,
Seres cujo só crime é o mal de ter nascido!

1890.

DANTE

(A ALCANTARA MACHADO)

Este é o meio do aspérrimo caminho
Da vida; triste e dolorosa estrada,
Em que os pés nos lacera muito espinho.

Alma sem forças, alma transviada,
Que da virtude a senda já perdeste,
E vês de perto, com terror, o nada;

Bem que nenhum consolo ora te reste,
Bem que as garras aguice a horrenda fera,
Cujo furor contra o teu seio investe;

Eia, penetra a região severa,
Onde lamentos longos e soturnos
Não commovem de Deus a face austera.

Abrem-se aqui os antros taciturnos
D'esta selva selvagem, bruta e forte,
Que habitam os espiritos nocturnos.

Entra ; interroga a tua obscura sorte,
E os mysterios que a mente não alcança ;
Que pode haver alem ? talvez a morte . . .

Por que illusões renegues sem tardança,
Olha o immutavel dístico do Inferno :
«Ó vós que entraes, deixae toda a esperanza !»

E elle entrou, sem pavor, aquelle eterno
Reino, onde soffre a condemnada gente
A hostilidade de um poder superno.

A baixas covardias não consente
Que o ânimo lhe alquebrem : vai tranquillo,
Como em Florença, no tumulto ingente.

Para em rumo seguro conduzil-o,
É-lhe guia o sublime Mantuano,
Que lhe inspirou seu immortal estylo.

Peregrino fatal e sobrehumano,
Como a firme razão não te ha fugido,
Em febre ardente, em desvario insano ?

Quanto supplicio amargo e não sabido,
Quanto excesso pungente de tortura,
Que, si o não visses, não no houveras crido !

Estua o Mal nessa gehenna impura,
Creação do remorso e do castigo,
Que até o fim dos séculos perdura !

Lá encanece o Desespero antigo,
Em seu rancor perpetuamente novo,
Sem um perdão, sem um soccorro amigo !

Como de nojo e pena me commovo,
Lendo o teu mesto canto, em que rasteja
—Legião de vermes—o blasphemo povo !

O anjo meigo da crença nunca adeja
N'esse trevoso e negro precipicio,
Que o fogo abraza e o lodo ignobil peja ;

Rola na podridão suprema o Vicio,
E a Traição range os dentes embotados
Na peçonha do sórdido artificio.

Esbravejante, prorompendo em brados,
Rebusca o Crime na morada indina
A presa dos seus golpes costumados.

Fraternisam a cólera assassina,
A inveja, e o impudor que o corpo vende:
Caim e Judas, Nero e Messalina!

Mundana gerarchia não estende
Até lá seu dominio; a igual masmorra
Grilhão igual tyranno e escravo prende.

Ai! corra o pranto, para sempre corra!
E mortes mil cada infeliz padeça,
A todo o instante, sem que nunca morra!

Lei dura, a nobre sentimento avêssa,
Quem ha que ao seu perenne despotismo
Sem íntimas repulsas obedeça?

Que sacro horror me toma, quando scismo
Em toda a raiva e em todo o vituperio,
Que se agitam no fundo d'esse abysmo!

Os dentes de Ugolino, em seu funereo
Ranger, não largam mais o infame pasto,
Dilacerando o craneo de Rogerio;

Nem se lhe esvahe do espírito já gasto
A lembrança dos filhos, que elle vira
Doudos de fome, em carcere nefasto.

Odio de pai que nunca, nunca expira!
Nunca a vingança lhe dará repouso,
Por mais que ao pravo algoz humilhe e fira.

Além, vento veloz e procelloso
Em torvelinhos rápidos impelle
Amor, que concebeu vedado goso:

Mas, embora o tufão os ares gele,
Nenhum ha d'esses férvidos amantes,
Que a mesma chamma antiga não revele.

Deus, que os puniu com penas cruciantes,
Dispensa-lhes, ao menos, esta graça
De viverem unidos e constantes!

Si a mão que inexoranda os espedaça,
Tão doce lenitivo lhes concede,
Elles a bemdirão no mal que faça!

Existencia commum se lhe não vede
Com o ser que adora — e o fraco, o mísero homem
Não pensa em nada mais, nada mais pede!

Não logra então forjar grilhões que o domem
O verdugo fatídico; é-lhe caro
O aguilhão dos martyrios que o consomem.

Olha esses dois, que vagam sem amparo,
Ostentando no peito a mesma chaga
— Vínculo e emblema de um affecto raro.

Trouxe-os ao mesmo porto a mesma vaga;
O mesmo gladio lhes rasgara o seio,
Com golpe que de sangue inda os alaga.

Chama-os, poeta, d'esse mudo enleio,
Em nome da sua áspera desdita;
Virão a ti, de presto e sem receio.

Bella Francesca, lastimada e afflicta,
Leste, um dia, demais, devaneando
Com o teu louro Paolo: hora maldicta,

Em que transporte voluptuoso e brando,
Delirio de paixão, vehemencia louca,
Tal como um raio vos cegou! pois, quando

Elle, tremendo, te beijava a bocca,
— Breve prazer, que os corações illude! —
Fulminou-vos do esposo a injuria rouca!

Assim, mal roça em flebil alaúde
De uma chimera a nota fugitiva,
Logo em gemido a torna um choque rude!

Não ha, de certo, dor mais pungitiva
Que recordar o tempo afortunado,
Na miseria! — Legenda sempre viva,

Eterna imprecação, eterno brado
De quem chorou sósinho e sem conforto,
E, então, soube o que é ser desventurado!

Nessas idéas lúgubres absorto,
Poeta, a angustia te venceu — cahiste
Por terra, como cahe um corpo morto!

Mas teu olhar profundamente triste
Divisa, ao longe, um luminoso vulto,
Mais sublime que tudo quanto existe;

É a forma ideal do teu occulto
Pensamento; é Beatriz, a deusa ignota,
A quem sagraste religioso culto.

Ajoelha-te a seus pés, nessa devota
Adoração de lágrimas; e nellas
A tua veste enlameada e rôta

Lava (feliz que podes conhecel-as!)
E, puro, sahe do abysmo; em ceo ameno
Volve a fitar o lume das estrellas!

Ha de arrancar-te ao êxtasi sereno
Extranha indignação; e de teus labios
Manará corrosivo e acre veneno.

Tu, que és o rei dos vates e dos sabios,
E estremeceas a patria, como outr'ora
Os Camillos, os Cíceros, e os Fabios,

Contempla a torva pugna, que apavora
Teu espírito; alli, vidas sem conto
A ingrata furia das facções devora!

Corre, vòa, solícito e de prompto;
Um conselho de paz ás turbas leva,
Leva-o, verbo do bem, de ponto em ponto!

Inutilmente a tua voz se eleva;
A multidão perversa te apedreja,
Recusa a luz, enfurna-se na treva.

E — nessa infanda e pérvida peleja —
Das *bolgias* infernaes que perlustraste
Chegas acaso, ó genio, a ter inveja!

A plebe, immunda e corrompida, faz-te
O derradeiro ultrage; e, por que a tua
Palavra altiva para sempre afaste,

Não hesita em votar-te á sorte crua
Do exilio — estreito círculo de ferro,
Em que a saudade chora, e geme, e estua!

E, gloriosa vítima de um erro,
Envolto em sua nostalgia immensa,
Expira o velho Dante no desterro,

Ó patria, ó mãe de pouco amor, Florença!

AVE MARIA.

(A MINHA MÃE)

I

Ave Maria! Ó cândida
Virgem, ao pé do altar, erguendo preces,
Com que, em sublimes êxtasis,
Grinaldas brancas e illibadas teces!
Qual fumo de thuríbulo,
Que de aromas satura o sacro ambiente,
Tua devota súplica,
Sobe ao ceo, e enternece o Deus clemente.
Ruge em vão, no seu bá Rathro,
Negra serpe que as almas envenena;
A cabeça colérica,
Tu lh'a esmagas, impávida e serena!
Meiga virtude angélica
No semblante e nos olhos te irradia;
E os alados espíritos
Curvam-se ao teu conspecto. Ave Maria!

II

Ave Maria! pállida,
Silenciosa, junto á cruz chorando,
Junto á cruz, em que, lívido,
Teu casto Filho geme, agonisando.
Do bem divino Apóstolo,
Homens, que Elle remiu, davam-lhe a morte;
Mas Christo, Rei dos mártires,
Vendo-te alli, sentiu-se calmo e forte!
Justo, clemente, intrépido,
Bemdisse então o seu amor profundo;
E, contemplando os séculos,
Contemplou seu triumpho em todo o mundo!
Lágrimas de Mãe! lágrimas,
Que, como orvalho em noite erma e sombria,
De seus crimes hypócritas
Purificam a terra — Ave Maria!

III

Nos teus braços, misérrima,
O corpo exangue de Jesus, aberto
Em arroxadas úlceras,
Transportaste ao seu túmulo deserto.
As trevas estendiam-se
Atravez d'esses lúgubres caminhos;
Com lentos passos trôpegos,
Ias pisando em sarças e em espinhos.

E, sepultado o gélido
Corpo, envolto na paz do grande somno,
Pungiu-te, inerme Víctima,
Todo o horror d'esse trágico abandono!
No lucto do Unigénito,
Foi longa, foi cruel tua agonia;
Ora por nós, apieda-te!
Nós soffremos tambem! Ave Maria!

IV

Maio renasce; um límpido,
Discreto encanto brilha na paisagem;
Cessa o ardor da canícula;
Erra a brisa outonal entre a folhagem.
Pela amplidão, em múltiplas,
Vibrantes ondas de harmonia, os sinos
Vertem, nuncios de júbilo,
Leves canções, accordes argentinos.
Abre-se o templo; innúmeros
Cyrios espalham vívidos fulgores;
E, no lavrado púlpito,
Celebra o sacerdote os teus louvores.
O povo, crente e mýstico,
Seus desejos e magoas te confia;
Milhões de vozes súplices
Te mandam seu clamor: Ave Maria!

V

Em choça obscura, inhospita,
Ante uma tosca imagem — velha herança —
Mãe consternada e trémula
Te invoca — a ti, sua última esperança!
Em soluços, em frémitos,
Move-te á pena a sua fé sem termo;
Só tu, de graças pródiga,
Podes salvar-lhe o debil filho enfermo!
E tu sorris, benévola;
Perdeste o fructo do teu ventre... Embora!
Com piedade solícita,
Lhe restitues o filho que ella adora.
Venturosa, frenética,
A mãe se prostra; e escutam-se, á porfia,
Nos infinitos páramos,
As estrellas cantando: Ave Maria!

VI

Virgem bella, e sem mácula,
Que arrastas pelo azul teu manto regio;
Tu que inspiraste o olímpico
Genio de Raphael e de Correggio!
Tu, que, em fórmãs de mármore,
A ingenua crença de outra idade attestas,
Nos sanctuarios góthicos,
Onde o sol entra, por esguias frestas,

A custo, em raios tímidos!
De um polo a outro, teu nome em hymnos vôa;
A tua fronte plácida,
Cingem-na os vates de immortal corôa!
Rende-te preito a música;
Na estatua, no painel e na poesia,
A arte, fecunda e omnímoda,
Repete o lema eterno: Ave Maria!

VII

Na minha infancia — rápida
Manhan cujo esplendor de ha muito é findo,
(Ó vida! ó vida ephémera!)
Eu ia pelos campos reunindo
Alvos lyrios balsámicos,
Cravos, boninas, e jasmims, e rosas,
Para, em singela dádiva,
Depol-os a teus pés. As fervorosas
Preces, o dom humílino
Não esqueceste... não esqueces nada!
Hoje que, melanchólica,
A alma, em seu tedio immenso amortalhada,
Jaz, e a meus olhos mórbidos
Não sorri, como outr'ora, a luz do dia,
Ó Mãe de Deus puríssima,
De novo te saúdo — Ave Maria!

ÚLTIMA PÁGINA



A MUSA AO POETA

I

Ó Poeta! Eis aqui teu ponto de partida.
Diante de ti se estende o caminho da Vida,
Longo, vário, sinuoso; ora facil, aberto
A teus passos, tranquillo, e beirado de perto
Por sebes e jardins, onde aromas suaves
Se unem á fresca sombra e ao gorgueio das aves;
Ora de plantas más e rípidos abrolhos
Enredado, occultando em profundos refolhos
Hiatos, boccas de abysmo e boccas de serpente,
Vacillando a teus pés num solo comburente,
Assim como um atalho íngreme das montanhas,
Que alimentam vulcões nas rebeldes entranhas.
Campos fertéis, aqui, de macia verdura,
Prosperam; o ouro vês da messe já madura,
O grupo multicolor dos fructos, o espumoso
Vinho, filho do sol, pae do somno e do gôso,

—Tudo o que o honesto orgulho ao lavrador afaga,
E os votos lhe contenta, e as canseiras lhe paga.
Do outro lado o deserto; ingrata e secca areia,
Por onde a tua mão sem proveito semeia;
Não nasce fonte alli, nem regato deslisa;
Nunca o orvalho do ceo essas regiões baptisa;
Brotam unicamente a custo, em annos tardos,
Mancenilhas lethaes e improductivos cardos.
Esse ambiente infecto os pulmões envenena...

II

E vaes passando. E vês uma revólta arena,
Tumultuosa, candente, onde a poeira se espalha
Saturada de sangue. Um clamor de batalha,
Feito de gritos, pranto, e maldicções, atrôa
Os ares. Pelejando, a gente se abalrôa,
Se investe, se repelle, e se morde, e se aferra,
Brandindo armas, brandindo estandartes de guerra.
Sem treguas, sem quartel, corre a sinistra lucta,
Onde ninguem a voz da compaixão escuta.
Cada um raivosamente os seus rivaes encara;
De cada bocca que em visagens se escancara,
O odio em torrentes golfa; o odio em cada pupilla
Dilatada, esgazeada, abrazada, fuzila.
Naquella confusão do abominavel pleito,
Irmãos com seus irmãos se medem peito a peito,

Filhos contra seu pae se arremessam rugindo,
E arrastam sobre o lodo, as cans lhe polluindo,
O mísero ancião, que chora e esconde o rosto
Nas mãos, a succumbir de vergonha e desgosto...
Jazem no plaino largo e nos fossos profundos,
Cadáveres aos mil; feridos, moribundos,
Queixam-se; mas sem dó, com diabólica furia,
Inimigos os vão, por derradeira injuria,
Calcando aos pés; e a rir, com escarneos blasphemos,
Lhes abafam no seio os arrancos supremos...
Mais rude que os canhões, mais alto que os gemidos,
Domina tudo um brado enorme: «Ai dos vencidos!»
Sim; que essa turba vil á felonía humana,
Que constante em traições e perjurios se afana,
Que perverte a innocencia e a virtude denigre,
Allia a feridade insensata do tigre,
E da nocturna hyena o appetite funereo,
Que profana a soidão sacra do cemiterio...
Sobre o campo, adejando alem, nos ares torvos,
Se aprestam ao festim da mortandade os corvos...

E por que tal rancor na execranda peleja?
Por um sonho pueril que nas mentes adeja
Sem rumo, por um vão capricho feminino,
Por Ajax, por Helena ou pelo Vellocino,
Por uma cousa vaga, incerta e transitoria,
— Illusão de poder ou illusão de gloria —
Talvez por uma idéa e talvez por um nome,
Ou por que alguns estão gosando e outros têm fome?...

Despreza a ira vulgar da carniceira plebe,
Disforme esponja que em peçonha e fel se embebe,
Hydra que morde por inveja e por cubiça!
Só quando esteja em causa a immanente Justiça,
Deves entrar na lide. Até lá, guarda na alma
A grande paz de Deus, que as procellas acalma!

III

E vaes passando. E vês um immenso mercado,
Onde ruidosamente o povo agglomerado,
Que attrahem os fataes convites da fortuna,
Trafica sem cessar, numa faina importuna;
Com pérolas iriaes, filhas da flebil onda?
Com as joias de Ophir, da Scythia e de Golconda?
Com despojos da historia e esthéticos thesouros
Da Héllade, de Bysancio ou da Alhambra dos Mouros?
Não; com a dignidade e a honra da existencia!...
Olha a inscripção: Aqui se compra a Consciencia!
Eil-a, a casta infeliz, sem brio e sem virtude,
Que vende assim a fé santa da juventude,
A pureza da vida, o entusiasmo, a crença,
Legado que nenhum outro dote compensa,
A alta fidelidade aos principios, que ignora
A ambição, e o temor pusillánime, embora
Lhe dêm opimo espolio e avultado percalço
De um lado, e de outro lado o exilio e o cadafalso;

O direito viril de dizer a verdade,
Inda quando ella ao mundo inteiro desagrade,
Sem que nunca uma voz responda acerbamente:
«Apóstata! villão! tua palavra mente!»
A inviolada affeição que na hora da desgraça,
Protege o amigo oppresso, e heroicamente o abraça,
Affrontando por elle iras omnipotentes;
O aneio de remir as gerações nascentes,
De um futuro melhor o palpitante anhelô,
O amor da patria, o amor do bem, o amor do bello,
Tudo quanto o homem sente, em sua propria estima,
Que da bêsta o separa e de Deus o approxima...
Ó decadencia! Ó baixa e negra simonia,
Que se commette lá, na sombra e á luz do dia!
Tal seria na egreja o padre mercenario,
Que, demolindo o altar e arrombando o sacrario,
Por dinheiro expuzesse ao asqueroso insulto
Das plebes a Hostia branca e pura do seu culto;
Taes são tambem, taes são esses profanadores
Do Ideal que ha custado ao mundo tantas dores!

Ah! tu não tens, Poeta, o azorrague do Christo,
Para entre elles surgir em assomo imprevisito,
E, do Mestre seguindo o fulgurante exemplo,
Duramente expulsar os vendilhões do templo!
Mas afasta-os de ti, sem raiva e sem espanto.
Em lama tal nem roce a fimbria do teu manto.

IV

E vaes passando. Alli, numa assembléa vasta,
Com gestos de reptil a multidão se arrasta
Para chegar aos pés de um déspota grosseiro.
Rei de soberba estirpe? ousado aventureiro?
Soldado victorioso, ou genial bandido?
Que importa? Esses, que o senso e o brio têm perdido,
Adoram no tyranno infrene e dissoluto,
O fetiche que adora um africano bruto.
Rojam-se na abjecção; como feitos sublimes,
Lhe applaudem com orgulho os clamorosos crimes;
Uns, vates sem pudor entre a côrte dispersos,
Cantam o falso nume em repugnantes versos,
Como já declamava em Roma o torpe Stacio,
De festim em festim, de palacio em palacio,
Ante os áulicos vis e transidos de susto,
Estrophes em louvor de Domiciano Augusto.
Outros tambem — jograes, histriões e saltimbancos —
Com dictos de comedia e grotescos arrancos,
Divertem o Senhor... Lacaio e ministros,
Soturnos espiões, delatores sinistros,
Reclamam, por penhor de um odio que não cansa,
Listas de proscricção, decretos de matança.
Algozes, cujas mãos nem o mar lavaria,
Trazem, como tropheo, a cabeça já fria
De um martyr, esvahida em rubro sangue espesso,
E pedem do supplicio o detestavel preço!

Ai! si um libertador alli mandado fosse!...
Mas servos todos são, e a infamia lhes é doce;
Que, todos a cerviz dobrando ao mesmo jugo,
Cada um ao mesmo tempo é victima e verdugo.

Filho da nova Lei, mira-os tu face a face,
E, sem que medo algum a bocca te amordace,
Ergue entre essa mudez covarde o rude grito,
Que persegue atravez das eras o precito,
A Tiberio roubando, após a orgia, o somno,
Fazendo estremecer Abdul-Hamid no throno!

V

E longamente a longa estrada irás trilhando,
Mudando de emoções, de scenarios mudando,
Mas assistindo sempre ao mesmo drama eterno,
Que contém todo o céu e contém todo o inferno.
Tu sentirás viver, no fasto e na penuria,
Na altura luminosa e na baixaza espuria,
Dóceis á propria sorte ou rebeldes e esquivos,
Mas todos do Destino implacavel captivos,
Teus irmãos que aos milhões, com trabalho incessante,
A Natureza crêa e mata a cada instante.
Tu sentirás viver, na communhão perfeita,
Que os seres, do mais nobre ao mais humilde, estreita,
A mocidade hardida, e temeraria ás vezes,
Que agita triumphaes bandeiras e pavezes,

Pela fascinação de uma ardente miragem;
E os debeis anciãos, que, em meio da viagem,
Recusam ir mais longe, escravos do passado,
E, por que param, crêm que o mundo está parado;
Os que trazem o genio irradiando na frente,
Como vasto fanal que illumina o horizonte,
— O genio, clarão doce e fogueira assassina,
Que os aureóla por fóra, e por dentro os calcina;
E os imbecís que, como as corujas soturnas,
Só podendo reinar entre as sombras nocturnas,
Buscam amortecer com escarneo insolente
O victorioso Sol que surge no Oriente;
Os vassallos fieis do Dever, que por nada
Mentem á honra nativa e á palavra jurada,
Com a face tranquilla e com a alma serena
Todas as tentações repellindo sem pena,
Para intacta guardar a lei severa e casta,
Que da gente viciosa e cúpida os afasta;
E os filhos da Volupia, os molles sybaritas,
Que, sujeitos por mãos lascivas e bonitas,
Perfumados de aloés, coroados de rosas,
Desfiam a existencia em horas preguiçosas,
Seguindo com olhar pejado de cansaço
Vagas nuvens a errar no vago azul do espaço;
Os santos, cuja mente ao summo Bem se eleva,
E os máos que vão gerando o delicto na treva;
Os que expellem veneno e atrabilis dos labios,
E os que têm o sorriso indulgente dos sabios;
Os apóstolos bons que, com verbo fulmineo,

Defendem os tropheos do Direito, o exterminio
Do velho despotismo; e os charlatães que o povo
Enganam com ficções de um brilho sempre novo;
As noivas lyriaes que para o lar florescem,
As mães que de ventura e orgulho resplandecem,
Quando, para que á prole o ceo seja propicio,
Offertam do seu ser o inteiro sacrificio;
E as mulheres fataes, que, pállidas de insomnia,
Pelas mil corrupções da antiga Babylonia
Gastas, vêm espreitar o Adolescente, ancioso
Por entregar a carne aos aculeos do goso;
Seduzem-no sem dó, com beijos e suspiros;
A seiva juvenil, insaciaveis vampiros,
Sugam-lhe avidamente; e dão em holocausto
Ao Moloch da luxuria o pobre corpo exhausto...
De quanto ouro sem liga e quanta negra escoria
Se faz da creação a obra contradictória!
Mas com o esforço opposto e com o labor diverso
Deus compõe a harmonia augusta do Universo...

VI

E ora assim te acharás só no meio da turba,
Cujo insano rumor tuas scismas perturba,
Por que entre ella ninguem acaso te comprehende
O espirito, que por uma sombra se offende,
De males tão subtís divinamente enfermo;
Ora te julgarás acompanhado no ermo,

Por que, cheia de luz e de calor amigo,
A grande legião dos Sonhos vae contigo!

Busca saúde e paz num asylo campestre.
Do sobrio lavrador, da simples flor sylvestre,
Torna-te irmão; divide as tuas lentas horas
Entre o valle profundo, e as florestas sonoras,
E a casinha aldean, posta á beira do lago,
Que o vento mal encrespa em fugitivo afago.
Voga no mar tambem; segue em longinquas rotas
O vôo aventureiro e livre das gaiivotas;
Tritões rudos evoca, e eróticas sereias,
Namoradas ficções que em tua mente creias;
Escuta os ais da triste alcýone que, á noite,
Parece em vão pedir um ninho onde se acoite;
Contempla a reflexão do luar nas aguas mansas;
E, fatigado já de immutaveis bonanças,
Gosa a brusca revolta e as cóleras violentas,
Com que o raio se allia ao tufão das tormentas,
O ar fendendo, fendendo as cortinas da bruma,
E as ondas levantando em turbilhões de espuma...

De outras eras transpondo os mudos liminares,
Todos povoados de visões crepusculares,
Colhe o myrto, a verbena e o goivo entre as ruinas.
Eis da Grecia e de Roma as coisas peregrinas!
Estes os templos são da Graça e da Belleza,
E da Força viril e da viril Destreza?

Refulgiram lustraes nestas aras os lumes,
Onde ardiam outr'ora os orientaes perfumes,
A myrrha, o cinnamono, o inebriante incenso,
Subindo em espiraes de fumo azul e denso
Á mythica mansão de Júpiter e Pallas?
Teve Aphrodite aqui vassallos e vassallas?
Delphos, Delos buscando, em hieráticos dias,
Correram esta senda as sagradas Theorias,
Os deuses implorando em cánticos e rogos?
Nesta arena o estridor dos olímpicos jogos
Resoou, quando a plebe em gritos acclamava
Athletas manejando o disco, o césto, a clava,
Gladiadores tingindo em sangue o solo, e aurigas
Á meta conduzindo as rápidas quadrigas?
E vós, nymphas do bosque e náyades das fontes,
Que ouvistes, na soidão dos valles e dos montes,
De Homero a tuba heroica, a avena de Virgilio,
E os lamentos de Ovidio em seu árido exilio,
Dizei-me: Mortas sois?... Mortas sois! Morto é tudo,
Tudo o que brilho foi da idade antiga. Mudo
Jaz, como um cemiterio, enredado de escombros,
Esse mundo sem par de glorias e de assombros!
A prumo ergue o cypreste as suas ramas brunas
Sobre um basto montão de tombadas columnas,
Onde o musgo brotou com a ortiga daminha;
Num sarcóphago rôto o morcego se aninha;
Calcam bárbaros pés urnas e vasos raros
De pórfyroy, de bronze e mármore de Paros.
Para o abysmo o Passado, em cinzas feito, róla;

Mas de tanto esplendor perdido te consola
A Cruz, que na amplidão dos solennes espaços
— Ella só firme e santa — abre os piedosos braços...

VII

Vae, á graça de Deus! No exército sagrado,
Que defende a arte pura, eu te elegi soldado.
Com ternuras de mãe eu te beijei criança.
Na fronte que aureolava uma ingenua esperança;
E aos vinte annos, naquella idade inquieta e louca,
Com frenesis de amante eu te beijei na bocca,
Dando-te a embriaguez divina da Chimera,
Que alegre, como um sol, tua existencia austera;
Joven alma, em que sou perennemente joven,
Sei bem que seducções te enlevam e commovem...
Os feitos da epopéa, os temerosos lances
Da tragedia, o feudal segredo dos romances,
As galas da canção, as finuras aladas
Do madrigal, o rythmo ingenuo das balladas,
Dos psalmos rituaes a severa harmonia,
A morbidez dolente e grave da elegia,
A vasta vibração magnífica das odes...
Dize, podes viver sem taes encantos? podes
Viver sem mim? Acaso, em dias de tormento,
Tu me foges, e vaes, sombrio e desattento,
O tedio espairecer á toa pelo mundo.
Mas logo vens de novo, em aneio profundo;

E logo, enternecida, a tua voz me chama.
Ah! para possuir-me os ósculos de chamma,
Que te importa soffrer, ó meu docil captivo?
Minha dextra tocou teu coração altivo,
Que desde então bateu mais rápido e mais forte;
E assim ha-de bater até que o gele a morte.
Pois tu não és de certo o impassível artista,
Que as esquivas mercês da Perfeição conquista,
Sem que nunca o pungir de escondidos abrolhos
Faça o pranto romper-lhe impetuoso dos olhos,
Na sua glacial placidez soberana...
O goso humano é teu, e tua a dor humana.
E alem da humana esphera o espírito inquieto
Estendendo, e estendendo o generoso affecto,
Num amplexo de paz, e de piedade intensa,
Envolves cada ser da Natureza immensa!

VIII

Tu chegarás, porfim, áquella muda praia,
Onde o insondavel Mar dos séculos desmaia.
Os homens e as nações, com tudo o que os fascina,
Têm seu occaso allí; a Historia allí termina...
Alli onde o Mystério é lei, e onde, em verdade,
Diz-se Infinito o espaço, e o tempo Eternidade.
E ao ver que vae tragar-te a voragem fremente,
Tu clamarás talvez, melancolicamente:

E ides morrer também, num silencio de gelo,
Ó doces cantos meus! Inutil foi meu zelo
Por vós! Em vão o afan da Gloria me consome.
As gerações por vir não saberão meu nome!

Mas logo, o firmamento augusto contemplando,
Milhões de astros verás serenos fulgurando,
Como a provar que alguém, nas regiões siderias,
Dura mais do que nós, do que as nossas miserias...
E contigo dirás, resignado e tranquillo:
As estrellas de Deus, no seu eterno asylo,
Eternas brilharão, tão meigas e tão bellas!
O que eu tinha de luz foi embeber-se nellas.
E inda, pelo futuro avante os peregrinos
Lhes hão de abençoar os clarões diamantinos!

Então—antes que, gasto, o teu corpo descanse
Na terra maternal—medindo num relance
A estrada feita desde o ponto de partida,
Tu poderás dizer que mereceste a Vida!

Paris, 1897.

INDICE

	PAG.
Procellarias	3
VOTIVAS :	
A minha Mãe	9
Á Escolhida	42
NO LIMIAR.	
No limiar	49
I	
Rosa-chá	23
Estoicismo	26
A taça de ouro	27
Christus crucifixus	28
Canção do luar	29
Camões	33
Nathercia	34
Mal moderno	35

	PAG.
Soror	36
Estatuaria do amor	39
Carnaval	43
Velhos papeis.	44
Vigilia mortal.	45
O Chancellor	46
O beijo.	47
Lucta esteril	48
O abu're	49
Livro sagrado	54
Cleópatra	56
Edade média	57
Serenata	58
O eterno diálogo	63

II

A panoplia.	73
Anacreonte	74
Sextilhas antigas	75
Ode triumphal.	78
Em guarda.	86
Lembra-te !	87
Cabellos brancos	89
Na aula	91
Nocturno	92
Threnos	93
Rimas	100
Meu coração	103

	PAG.
Good night.	104
In extremis	111
Dido.	112
Sem nome	113
Velhice de Don Juan.	115
A Lesbia	124
Em desalento	125
Alma inquieta.	127
Semper vincetus	129
Invariavel	130
In floribus anguis.	131
Contradição	134
Boneca.	135
Soneto cruel	138
Máscara de honra.	139
Soneto negro	140
Oblivion	141
Á morte	142
Musa do tédio.	143
Pósthuma	150
Resurreição	151

III

O escudo	157
Lamartine.	160
A caveira	161
Condessa Eloa.	164
Duas impressões	165

	PAG.
Poetisa	167
Desilludido.	168
Enfermo	171
Balladas nostálgicas:	
I— Saudade	172
II— Ciume	173
III— Esperança	175
Bohemia	177
Ao crepúsculo.	188
Risos macabros	189
O cão	192
Dante	193
Ave-Maria	203
ÚLTIMA PAGINA:	
A Musa ao Poeta	211

